



PARA UM NOVO HABITAR

UMA PROPOSTA NO PARQUE DO RIO SECO - AJUDA

Marta Pargana Oliveira Pires
(licenciada)

Projecto Final de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica
Professor Doutor Hugo Teixeira Lopes Farias
Professora Doutora Teresa Vasconcelos e Sá

Documento Definitivo

Lisboa, FA Utlisboa, Março, 2017



PARA UM NOVO HABITAR

UMA PROPOSTA NO PARQUE DO RIO SECO - AJUDA

Marta Pargana Oliveira Pires
(Licenciada)

Projecto Final de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica
Professor Doutor Hugo Teixeira Lopes Farias
Professora Doutora Teresa Vasconcelos e Sá

Documento Provisório

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2017



PARA UM NOVO HABITAR

UMA PROPOSTA NO PARQUE DO RIO SECO - AJUDA

Marta Pargana Oliveira Pires
(licenciada)

Projecto Final de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica
Professor Doutor Hugo Teixeira Lopes Farias
Professora Doutora Teresa Vasconcelos e Sá

Documento Provisório

Lisboa, FA Ulisboa, Janeiro, 2017

TÍTULO

Para um novo habitar

SUBTÍTULO

Uma proposta no Parque do Rio Seco – Ajuda

NOME

Marta Pargana Oliveira Pires

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor Hugo Teixeira Lopes Farias
Professora Doutora Teresa Vasconcelos e Sá

Dissertação/Projecto elaborado
para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Lisboa, Janeiro de 2017

RESUMO

Este trabalho aborda a possibilidade de um novo posicionamento perante a Arquitectura.

Considera-se que diante da diversidade das condições e carências da vida urbana, a Arquitectura poderá ter alcance para desenvolver estratégias de forma a tornar-se mais adequada a essas circunstâncias, mesmo que isso implique abordagens menos consensuais e abdicar de algum poder de controlo ou decisão.

Propõe-se uma acção integradora como meio para alcançar resultados colectivos, tomando como centro da investigação três níveis de análise: Cidade, Casa, Quotidiano.

A propósito do Parque Urbano do Rio Seco foi elaborada uma proposta para requalificar esta zona da cidade de Lisboa. Propomos uma frente de Parque – uma continuidade de edifícios, mais ou menos permanentes, de habitação e outros usos, desejados e definidos pelos seus ocupantes, em constante diálogo com o parque público.

Estas construções, ou edifícios, flexíveis e adaptáveis na sua génese, oferecem desta forma variadas oportunidades aos seus habitantes e podem ser preenchidas por módulos numa lógica de montagem DIY (do it yourself).

É, acima de tudo aspiração deste trabalho, reflectir o papel da Arquitectura e do arquitecto e como poderá ser usado para uma sociedade mais justa e humana.

Palavras-chave:

Flexibilidade
Adaptabilidade
Oportunidade
Habitar
Arquitectura

TITLE

Para um novo habitar

SUBTITLE

Uma proposta no Parque do Rio Seco – Ajuda

NAME

Marta Pargana Oliveira Pires

ADVISERS TEAN

Professor Doutor Hugo Teixeira Lopes Farias
Professora Doutora Teresa Vasconcelos e Sá

Dissertation/Project
to obtain the Master's Degree in Architecture

Lisboa, January, 2017

ABSTRACT

This paper addresses the possibility of a new perspective towards Architecture practice.

Acknowledging the diversity of circumstances and needs that urban life carries, it is considered that Architecture may have the ability to develop strategies able to become more adequate to these circumstances, even if it implies a less conventional approach and the abnegation of some of the control and decision making power.

It is suggested a broad and engaging action as a way to achieve collective goals, taking as core of the investigation three levels of analysis: City, House, Everyday Life.

Concerning Rio Seco's Urban Park, there has been developed a proposal to requalify this area of Lisbon. A park front is suggested – a continuity of buildings, more or less permanent, of housing and other uses, wished and defined by their occupants, in a constant dialog with the public park.

These constructions, or buildings, flexible and adaptable in their genesis, offer a range of opportunities to their inhabitants and can be filled in by modular compartments based on a DIY assembling (do it yourself).

Above all, it is the foremost ambition of this work, to reflect the role of the architect and of Architecture itself and how it can contribute for a fairer and human society.

Key-words:

Flexibility
Adaptability
Opportunity
Habiter
Architecture

INTRODUÇÃO | p.1

I . HABITAT E A CRISE DO HABITAR | p.5

I.1. HABITAT E O HABITAR | p.7

I.2. CIDADE E ARQUITECTURA, UMA CRITICA. A ESCALA HUMANA | p.11

I.3. COMO CONSTRUIR A CIDADE HOJE? | p.15

II . O INDIVIDUAL E O COLECTIVO | p.19

II.1. GLOBALIZAÇÃO: NOVO CAPITALISMO E NOVA CIDADE | p.21

II.2. A DIMENSÃO PÚBLICA – CIDADE E CIDADANIA | p.25

II.3. ABRIGO COMO VIA DE APROXIMAÇÃO: UM DESEJO COMUM | p.29

III . CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR | p.33

III.1. FAZER CIDADE: EFEMERIDADE-PERMANÊNCIA E CO-PRODUÇÃO | p.35

III.2. REFORMULAÇÃO DA CASA: FLEXIBILIDADE, ADAPTABILIDADE E OPORTUNIDADE | p.43

III.3. O SIMBÓLICO DO QUOTIDIANO: HETEROTOPIAS | p.51

IV . PROPOSTA PARA O RIO SECO | p.55

IV.1. UMA FRENTE DE PARQUE | p.63

IV.2. SISTEMA ARQUITECTÓNICO | p.65

IV.3. FASEAMENTO E CONSTRUÇÃO | p.69

IV.4. CONSTRUTIVIDADE E MATERIALIDADE | p.71

CONCLUSÃO | p.73

BIBLIOGRAFIA | p.77

ANEXOS | p.83

“A sociedade humana distingue-se de um rebanho de animais porque é possível nela haver quem seja sustentado por outrem; distingue-se porque tem a capacidade de conviver com inválidos, e de tal maneira que poderíamos dizer que a sociedade humana nasceu com a compaixão e a prestação de cuidados a outrem, qualidades que são exclusivamente humanas. O problema que hoje nos preocupa diz respeito a saber como poderemos transpor essa compaixão e essa solicitude à escala planetária. Estou consciente de que as gerações que nos precederam se confrontaram com a mesma tarefa, mas hoje o caminho que deveríamos seguir, agrade-nos ele ou não, terá de começar pela casa e pela cidade de cada um de nós, agora mesmo.

Não consigo pensar noutra coisa mais importante do que esta. É por ela que temos que começar.”

(BAUMAN, 2006, p. 87)

INDÍCE DE IMAGENS

CAPA

Desenho elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

I . HABITAT E A CRISE DO HABITAR

Imagem 1: Maquete do Plan Voisin, Le Corbusier, 1925

/n <http://humantransit.org/2012/04/jane-jacobs-on-transportation-my-take.html>

Imagem 2: Capa do livro mais conhecido de Jane Jacobs., o seu manifesto publicado em 1961

/n <http://likesuccess.com/img4754574>

Imagem 3: Retratos da vida urbana, espontaneidade que a rua permite

/n <https://helenmaele.wordpress.com/2016/07/21/juneinspiration/9b6ff5a3c2c099946200b9711/>

Imagem 4: Retratos da vida urbana, espontaneidade que a rua permite

/n <http://fbcoverstreet.com/facebook-cover/street-performing-breakdancer>

Imagem 5: Exemplo de um dos Playground de Van Eyck

/n https://www.researchgate.net/figure/272431809_fig2_Fig-12-Zaanhof-playground-in-Amsterdam-designed-by-Aldo-van-Eyck-Courtesy-of-the

Imagem 6: Fotografia da sala colectiva do SESC Pompeia, tirada em 1977

/n <http://linabobarditogether.com/2012/08/03/the-making-of-sesc-pompeia-by-marcelo-ferraz/>

Imagem 7: Praça coberta do MASP (Museu de Arte São Paulo)

/n <http://www.archdaily.com/208542/lina-gio-the-last-humanists-an-exhibit-at-the-architectural-association-school-of-architecture/masp10>

II . O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

Imagem 8: O colectivo na cidade

In <http://www.arquigrafia.org.br/photos/809>

III . CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR

Imagem 9: Caminho elevado The Luchtsingel e as placas com os nomes gravados

In http://www.domusweb.it/en/architecture/2015/08/14/zus_the_luchtsingel.html

Imagem 10: Caminho elevado The Luchtsingel e as placas com os nomes gravados

In http://www.domusweb.it/en/architecture/2015/08/14/zus_the_luchtsingel.html

Imagem 11: Proposta do Test Site, conjunto das intervenções, conectados pelo caminho

In <http://salon.com.ua/urban/2016/05/24/odin-kievskij-park/>

Imagem 12: Lema We Traders

In <http://www.goethe.de/ins/be/prj/wet/enindex.htm>

Imagem 13: Exemplos das iniciativas We Traders

In <http://www.goethe.de/ins/be/prj/wet/enindex.htm>

Imagem 14: Exemplos das iniciativas We Traders

In <http://www.goethe.de/ins/be/prj/wet/enindex.htm>

Imagem 15: Exemplos das iniciativas We Traders

In <http://www.goethe.de/ins/be/prj/wet/enindex.htm>

Imagem 16: Diagramas explicativos de Silodam, programa e intenção urbana

In <http://silodammvrdv.blogspot.pt/>

Imagem 17: Distribuição do programa e proporção entre espaço privado e público

In <http://silodammvrdv.blogspot.pt/>

Imagem 18: Edifício Silodam Amesterdão, Holanda 1995-2003

In <http://silodammvrdv.blogspot.pt/>

Imagem 19: Esquema de agregação das diversas soluções tipológicas e desenho do fogo

In <https://collectivehousingatlas.net/2013/07/12/gifu-kitagata-apartment-building-by-sanaa/#jp-carousel-355>

Imagem 20: Fachada principal de onde se percebe a combinação das tipologias

In <http://gifuprefecture.blogspot.pt/>

Imagem 21: Edifício Gifu, Kitagata Japão 1998

In <http://gifuprefecture.blogspot.pt/>

Imagem 22: Estudo das Habitações Satélite

In http://www.dur.upc.edu/papers_ur1/2010_01_expo%20habitar/reHabitat2.pdf

Imagem 23: Entrada principal do SESC Pompeia

In <http://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>

Imagem 24: Vivências no interior da grande sala do SESC

In http://ciudad-critica.blogspot.pt/2014_11_01_archive.html

Imagem 25: Vivências no interior da grande sala do SESC

In http://ciudad-critica.blogspot.pt/2014_11_01_archive.html

Imagem 26: Instalação realizada especificamente para biblioteca e área de leitura da unidade do SESC Pompéia, 2008

In <http://coletivotralha.com.br/site/palavras-na-cidade/>

IV . PROPOSTA PARA O RIO SECO

Imagem 27: Enquadramento Diagrama do fecho do Anel Verde

In *Parque Urbano do Rio Seco: Fundamentos para a programação intergeracional de um Parque Público na cidade de Lisboa – 2015 – 2065 e respectivos Projectos Urbanos de enquadramento e consolidação Urbana* Lisboa, 2015

Imagem 28: Composição do Anel Verde e explicação da ideia de *Continuum Naturale*
In Parque Urbano do Rio Seco: Fundamentos para a programação intergeracional de um Parque Público na cidade de Lisboa – 2015 – 2065 e respectivos Projectos Urbanos de enquadramento e consolidação Urbana
Lisboa, 2015

Imagem 29: Vista aérea da zona de intervenção
Fotografia manipulada por Marta Pargana Oliveira Pires através de uma imagem do google maps, 2016

Imagem 30: Fotografia local
In Parque Urbano do Rio Seco: Fundamentos para a programação intergeracional de um Parque Público na cidade de Lisboa – 2015 – 2065 e respectivos Projectos Urbanos de enquadramento e consolidação Urbana
Lisboa, 2015

Imagem 31: Geomonumento do Rio Seco e os Fornos del Rei
In Parque Urbano do Rio Seco: Fundamentos para a programação intergeracional de um Parque Público na cidade de Lisboa – 2015 – 2065 e respectivos Projectos Urbanos de enquadramento e consolidação Urbana
Lisboa, 2015

Imagem 32: Delimitação da zona de intervenção no desenho de conjunto do Parque do Rio Seco, elaborado pela turma anterior
In Parque Urbano do Rio Seco: Fundamentos para a programação intergeracional de um Parque Público na cidade de Lisboa – 2015 – 2065 e respectivos Projectos Urbanos de enquadramento e consolidação Urbana
Lisboa, 2015

Imagem 33: Planta da zona de intervenção com edificado a demolir dentro dos limites do parque
Desenho elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 34: Diagrama das ideias limite – membrana, estudo da banda do conjunto de construções
Desenho elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 35: Vista Oeste de todo o seguimento do parque, de Norte a Sul
Desenho elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 36: Diagramas dos usos e distribuição vertical numa fase inicial do projecto
Desenhos elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 37: Diagramas da combinação horizontal e vertical das tipologias e relação Privado-Público. Estudos do projecto em fase inicial
Desenhos elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 38: Volumetrias das tipologias e possível composição. Estudos do projecto em fase inicial
Desenhos elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

Imagem 39: Combinação gráfica que procura ilustrar o ambiente e algumas intenções da proposta
Recolha elaborado por Marta Pargana Oliveira Pires, 2016

INTRODUÇÃO

O papel do arquitecto poderá encontrar-se hoje num empasse. Se por um lado se aponta para a “crise” da profissão, por outro desperta para uma nova realidade. É certo que a sociedade se encontra numa turbulenta e acelerada transformação, e que é cada vez mais difícil estabelecer um padrão ou conjunto de regras. Se antes se respondia a uma encomenda e directrizes de um cliente, agora arquitectos e urbanistas terão de aguçar o olhar crítico e propor iniciativas, conciliando inúmeras vozes da colectividade. E é neste sentido que o trabalho se tentará desenvolver, tendo a cidade e os seus habitantes como “clientes” para um novo habitar.

No entanto, não se pretende com este trabalho fazer uma crítica destrutiva do que terá sido a arquitectura do século XX, ou tão-pouco dominar toda a complexidade socio-antropológica que envolve este grande tema do habitar. Procurámos pensar um conjunto de questões que se prendem com a cidade/sociedade que temos e com a que queremos construir. Só assim, poderemos compreender melhor qual o papel do arquitecto/urbanista, o nosso papel, na sociedade contemporânea.

No âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI, foi apresentado à turma uma proposta de trabalho para a definição do Parque Natural do Rio Seco: uma frente construída dedicada à habitação, que limitasse o parque e estabelecesse uma relação com o espaço público adjacente. O território em causa, de topografia acidentada, fica entre o Parque Florestal de Monsanto e o rio Tejo, e insere-se na freguesia da Ajuda, fazendo já parte de um plano urbano alargado (plano do fecho do Anel Verde¹). Plano esse a partir do qual iríamos trabalhar.

Este trabalho estaria à partida orientado para a habitação, partindo do pressuposto que a casa serviria como via para a dita diversidade, inclusão e integração social, e reposição do habitar, nesta área desligada e sem vida da cidade. Ao longo do trabalho teórico desenvolvido nesta dissertação chegou-se à conclusão que a habitação não seria, por si só capaz de repor o habitar na sua totalidade e que este processo de acesso à cidade e à cidadania só seriam possíveis na adição dos espaços do contacto, das trocas e do quotidiano.

¹ O fecho do Anel Verde completa o *continuum naturale*, num círculo que liga o Parque urbano do Rio Seco, o Parque Florestal de Monsanto, Av. Da Liberdade e Parque Eduardo VII, à Frente Ribeirinha.

Assim, surgiram duas preocupações centrais que dividem o discurso teórico: a discussão à volta do habitat/habitar, tendo em conta a crítica de Henri Lefebvre às “Cidades Novas” em França - capítulo I. HABITAT E A CRISE DO HABITAR; e as consequências da globalização, num mundo onde o individual parece ocultar o colectivo - capítulo II. O INDIVIDUAL E O COLECTIVO.

No capítulo I, discute-se os conceitos de habitat e habitar, combinando autores como Henri Lefebvre, Jane Jacobs e Aldo Van Eyck, apontando-se para a perda da escala humana perante a forma como as cidades vieram a ser planeadas pós movimento moderno. Por fim, sugere-se uma nova forma de construir cidade a partir da visão de Richard Sennett, onde o autor pensa a cidade como um sistema aberto.

Por sua vez, no capítulo II, analisa-se brevemente o fenómeno da globalização, centrando-nos nos seus efeitos ao nível das relações humanas e na relação dos indivíduos com a cidade. Posteriormente, seguindo o pensamento de Jordi Borja, e tendo em conta o valor e potencialidade do espaço público, fazemos um apelo à dimensão colectiva, à vida urbana e às rotinas, tendo o contacto e o discurso como maneira de restituir o direito à cidade e à cidadania. Terminamos com Zygmunt Bauman e seu discurso sobre a mixofobia e alienação do indivíduo, na possibilidade de encontrar na necessidade de abrigo, um desejo comum para aproximar diferenças conduzindo à coabitação nas formas dos ritmos quotidianos.

Estes dois capítulos iniciais estão estreitamente relacionadas entre si pois é a sua combinação que ajuda a construir uma base de entendimento para formular a hipótese de projecto, objectivo final deste trabalho.

O capítulo III CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR, demonstra agora com foco na arquitectura, uma selecção de exemplos que aplicam as ideias anteriores e que ao mesmo tempo preparam e justificam as opções de projecto. Aqui, projectar está associado a três níveis que se interpenetram: Cidade-Casa-Quotidiano, e marcam claramente os três campos principais deste trabalho. Para cada um deles, foram recolhidos exemplos cujas ideias fundamentam de certo modo a nossa proposta de projecto. No primeiro ponto é abordada a “permanente temporality” do grupo ZUS (Zones Urbaines Sensibles) relativa ao Test Site de Roterdão, Holanda (2011) e as iniciativas We Traders espalhadas já um pouco pela Europa. O segundo combina as propostas de habitação de Silodam em Amesterdão (1995-2003), as de Gifu, Kitagata no Japão (1998) e do estudo das Habitações Satélite Catalunha (2010). Todos estes exemplos têm como centro a importância da flexibilidade, adaptabilidade e oportunidade no projecto da habitação na sociedade actual. Por fim, e certamente não menos importante, o melhor exemplo (acredita-se) da arquitecta Lina Bo Bardi, o SESC Pompeia, Brasil (1977) valioso na sua ambiguidade e indefinição espacial que permitem que “qualquer coisa aí aconteça”.

Por último, a parte IV PROPOSTA PARA O RIO SECO apresenta o projecto urbano e de arquitectura para a área em estudo. Aqui é feita a descrição e apresentação do projecto final, como o culminar de toda a aprendizagem anterior, baseada simultaneamente em fundamentos teóricos, tendo como centro a arquitectura e as ciências sociais como disciplinas auxiliares, e na pesquisa e análise dos casos de estudo.

No presente trabalho assume-se desde o início uma ambiguidade programática ampla a todo a proposta urbana que permita a diluição de limites casa-cidade, privado-público, dentro-fora, pessoal-colectivo, expandindo as realidades comuns e superando ainda dogmas de organização e estratificação social. Ao mesmo tempo, e à semelhança dos casos estudados, defende-se uma estratégia de ocupação urbana adaptável, residencial e de usos diversos, das trocas e ritmos urbanos, que procure ao aplicar os anteriores conceitos, reduzir custos e otimizar recursos. Acima de tudo que procure responder a carências concretas e imediatas de quem irá diariamente construir estes “espaços”, de forma rápida, e igualmente mutável. Acredita-se ainda que através de um sistema standardizado possivelmente temporário, “montável e desmontável” com elementos pré-fabricados que permitirão maior variedade tipológica, um leque mais amplo de modos de vida poderá ser abrangido tornando a cidade mais acessível a todos. É no entanto importante salientar que o sistema standardizado não significa uma resposta standard, descaracterizada e descartável, que esquece as populações locais e quebra tudo aquilo que se propõe para um novo habitar, indiscutivelmente dependente das apropriações humanas que constroem a cidade. Defende-se nesta proposta que a arquitectura passe então a ser uma ferramenta disponível à maioria no sentido de resposta a necessidades comuns, como um instrumento racional e estruturante com capacidade de melhorar a vida de todos e de cada um.

A combinação modular e a própria estrutura independente, tal como os processos estandardizados nos quais a proposta assenta, permitem que se torne numa resposta para diferentes locais na cidade, podendo até sugerir um modelo protótipo. No entanto, não se propõe a massificação e generalização através deste sistema. Propõe-se em vez, a caracterização do local através de uma solução cuja combinação tipológica e programática permitem infinitas soluções de edifícios, mas onde cada edifício resulta única e exclusivamente das carências da população que decidiu ocupá-lo, à semelhança das iniciativas We Traders nas quais a população decide e torna-se também responsável pelo projecto. Tirar partido e responder adequadamente a questões como a topografia, malha urbana, necessidades sociais locais, acessibilidade e potencialidades específicas, mantêm-se como preocupações centrais, podendo ainda assim tratar-se de uma proposta aparentemente genérica, mas especialmente singular em cada solução.

I. HABITAT E A CRISE DO HABITAR

Segundo Caturelli (1984) só o ser humano habita² no seu sentido espiritual e corporal, e esta necessidade manifesta-se na forma como ocupamos a casa, a cidade, o mundo, os lugares que percorremos. Em Bollnow (1969) “habitar quer dizer estar em casa, num lugar determinado, estar enraizado nele e pertencer a ele”, e acrescenta “habitar não é uma actividade qualquer ao lado de muitas outras, mas é uma característica essencial do homem que determina a sua relação com o mundo na totalidade.” Heidegger definiu este habitar como “o modo como os mortais são e estão na terra” defendendo ainda que habitamos a casa numa determinação ontológico-existencial. Lefebvre entende que, por extensão da casa, habitamos a cidade entendida como uma extensão construída do corpo (*in* PROENÇA, 2011).

Na sociedade contemporânea é nas cidades que a maior parte da população habita e habitará futuramente. A cidade é uma das obras mais complexas do ser humano na qual o habitar se afirma como a sua prioridade biológica e sobretudo como uma determinação e representação do “ser” em conjunto com os demais cidadãos.

² “el ser humano es sólo quien habita”, tal como comenta o filósofo Caturelli: “para el hombre y sólo para el hombre, ser es habitar”. (*in* GEUNA, 2007, p.407)

Contudo, fruto dos desafios e contradições que o modo de vida urbano suscita e das profundas transformações que tomaram lugar nas cidades desde os finais do séc. XIX – alterando drasticamente o estilo de vida - o ser humano parece não saber mais o que significa habitar. A capacidade de promover a cidadania foi posta em causa, conduzindo como refere Heidegger (1951), a uma “incapacidade em estar no espaço em reconciliação com outros homens e com a natureza” (in PROENÇA, 2011), o que Lefebvre, partindo de uma perspectiva ideológica diferente da de Heidegger, anuncia como uma crise do Habitar e do Habitat.

Ainda hoje a discussão do *habitar* surge no campo da investigação e é objecto de inúmeras teorizações. Entender o seu significado mostra-se desta forma um assunto essencial na procura de cidades mais humanas. Hoje, amanhã ou num futuro longínquo, esta questão deverá ser sempre a preocupação primordial do arquitecto, já que, segundo Christian Norberg-Schulz (1979):

“A tarefa do arquitecto é criar um lugar significativo para ajudar o homem a habitar.”

(in CARVALHO, 2016, p.14)

I. 1

HABITAT E O HABITAR

I. HABITAT E A CRISE DO HABITAR

“A vida urbana tenta apropriar-se do tempo e do espaço evitando as dominações, desviando-se dos seus objectivos, astuciosamente. Ela intervém igualmente, mais ou menos, ao nível da cidade e do modo de a habitar. O «urbano» é, assim, em maior ou menor grau, obra dos cidadãos e não algo que lhes seja imposto como um sistema: como um livro concluído.”

(LEFEBVRE, 2012 p.75)

Hoje nas grandes cidades, o consumo e a circulação estruturam o espaço, pondo de parte os lugares simbólicos, os lugares de interacção e das trocas sociais. Ao mesmo tempo, o individuo parece ter aceite o abrigo, a sua casa, como um fechar perante a colectividade, sendo este o seu local de conforto e protecção. Em vez de uma cidade apropriada ou construída pelas “imprevisibilidades” da vida quotidiana, parecemos estar condicionados pelas determinações que dispõem a cidade, onde prevalece o valor de troca (LEFEBVRE, 2012). Neste sentido, a discussão entre Habitat e Habitar de Henri Lefebvre, ligados ao direito à cidade e ao seu apelo à vida urbana”, mostra-se perfeitamente actual e adequada a esta reflexão.

Já no início do séc. XX se vinha a assistir uma ascendente preocupação com o alojamento, não só na quantidade (em resultado do rápido crescimento industrial e acréscimo demográfico das cidades) como também pela qualidade das condições de vida da classe trabalhadora. Preocupação esta que, aliada às tecnologias, ao pensamento racional do modernismo e às novas práticas do urbanismo, levou a toda uma reformulação do Habitat e conseqüentemente também do Habitar. A partir dos anos 50, em especial, deu-se uma grande multiplicação das “cidades novas” produzindo uma forma standardizada

de habitat que excluiu ao mesmo tempo os lugares habituais do quotidiano como os cafés, o pequeno comércio e outros espaços de sociabilidades, condenando o habitar em detrimento do habitat, ideia que Lefebvre critica na abordagem de Corbusier. Para o primeiro, Corbusier ignorava a cidade (sociabilidades humanas) e substituí-a por “gigantic houses where everything is given over to circulation”. Considerava-o um excelente arquitecto mas um urbanista “catastrófico” que impedia de pensar sobre a cidade como espaço onde diferentes grupos se encontram e constroem uma obra colectiva. Alertava ainda para o risco do zonamento funcional vir a transformar as cidades em meros dormitórios.³

Para Lefebvre esta relação entre *habitat* e *habitar*⁴ tornou-se importante pois parecia desorientar as prioridades na construção e leitura das cidades, para quem a segunda –*habitar*– estava a ser reduzida à primeira – *habitat*, e, esta ordem teria que ser reestabelecida com devida urgência. Seguindo o raciocínio do autor, se *habitar* remete para a “vida urbana” - acto social e poético de uso da cidade - *habitat* prende-se com alguns actos elementares como comer, dormir e a reprodução, e está relacionado apenas com a casa, ou até, com a “caixa” que os contém.

“[P]ara Lefebvre é essencial poder dar prioridade aos espaços que estão ligados a tempos e ritmos sociais em que o «habitar» — ou, por outras palavras, a dimensão social, a quotidianidade, o vivido, o sensível, sejam restabelecidos acima do «habitat», quer dizer da ideia de construir unicamente para alojar.”

(COSTES, 2009, p.101)

³ “We find a similar critique of technocracy in Lefebvre’s discussion of le Corbusier and his urban plans. For Lefebvre, le Corbusier ‘gets rid of the city and replaces it by gigantic houses where everything is given over to circulation’. In his assessment, le Corbusier was ‘a good architect but a catastrophic urbanist, who prevented us from thinking about the city as a place where different groups can meet, where they may be in conflict but also form alliances, and where they participate in a collective oeuvre’ There is a danger that through this functionalization the town simply becomes a dormitory.” (ELDEN, 2004, p.146)

⁴ “Lefebvre’s suggestion that inhabiting (*habiter*) has been reduced to the notion of habitat (*habitat*) parallels Heidegger’s notion of a crisis in dwelling. Lefebvre’s distinction is important, because he suggests that the space of dwelling, of *habiter* is not separated from urban and social space, whereas habitat is merely a box, a cadre. *Habiter* is an activity, a situation, whereas habitat is a function, a brutal material reality.” (ELDEN, 2004, p.190)

Um dos seus objectivos foi propor um “novo urbanismo” e algumas das suas propostas sobre a vida quotidiana no espaço urbano, são aparentemente visíveis na cidade contemporânea: a diversidade programática dos edifícios, o convívio, a festa, arte, criatividade, preocupações sociais como a velhice, etc. Um pouco disto verifica-se nos centros urbanos. A arquitecta Lina Bo Bardi foi talvez quem melhor incluiu estes princípios à escala das comunidades, sendo o SESC de Pompeia (Brasil, 1986) um maravilhoso exemplo do verdadeiro convívio, da festa, do lúdico, arte e criatividade, preocupações com as minorias e com o preenchimento da ociosidade. Contudo, na maioria das vezes, trata-se de dissimulações onde o “espaço público” o “lúdico” ou a “reunião colectiva” mascaram outros interesses comandados pelo valor de troca - onde a possibilidade ou não de consumo distingue os que realmente têm acesso excluindo uma boa parte da população, e onde a verdadeira prática da cidadania não chega a acontecer. A questão que se prende aqui parece ser porquê? Porque não existe mais a empatia pelo próximo, em especial pelo *outro*, diferente de nós? Serão estas ocasiões, ditas “colectivas”, pouco inclusivas? Será o desenho das cidades que não aproxima e proporciona este contacto diversificado? Ou será a própria exclusão das comunidades e alienação do individuo? Serão estas ocasiões lúdicas, de festa, que ocupam o espaço público, fruto do capitalismo ou estará a sociedade tão emersa nele que já não tem mais capacidade de construir uma vida urbana sem que a mesma tenha sido já programada? Teresa Sá, seguindo o pensamento de Lefebvre, afirma que o que parece estar em causa é perceber justamente que transformações são necessárias para de facto mudar a vida de todos e de cada um, para transformar a vida quotidiana no seu conjunto. “*Changer la vie*” que segundo o autor só acontecerá a par de uma nova produção do espaço urbano (SÁ, 2016, p.6) que implicará a consciência da alienação que existe na vida quotidiana.

Hoje, as ideias subjacentes ao planeamento dominante mostram-se ainda centradas no *habitat* – programa, zonamento, hierarquia, estratificação - em detrimento do *habitar* – que permite uma apropriação da cidade pelo individuo. Assim sendo, e fortemente apoiada nesta tentativa de alerta para uma nova mentalidade reflectindo sobre esta ténue relação *habitat-habitar* do autor francês, levantam-se questões essenciais:

Como é a cidade hoje, a cidade que se está a construir e quais as necessidades da nova «sociedade urbana»?

Qual o papel do urbanista e do arquitecto?

Como projectar na cidade de hoje para a «sociedade urbana»?

1.2

CIDADE E ARQUITECTURA, UMA CRÍTICA A ESCALA HUMANA

I. HABITAT E A CRISE DO HABITAR

“There is not a single piece of stone laid down by man at the center of any of our cities, that does not express an idea, that does not represent a letter in the alphabet of our civilization.”

(Porto-Alegre *in* VEIKOS, p.48)

○ que são portanto as cidades?

A Cidade é indiscutivelmente o lugar para uma infinidade de fenómenos, objecto de inúmeras definições, estudos e investigações. Na verdade, trata-se de um assunto inesgotável e em constante renovação, razão pela qual não constitui objecto de estudo do presente trabalho. No entanto, considera-se essencial uma breve reflexão sobre aquilo que Cidade significa hoje, questionando o seu futuro, tendo no entanto a consciência da importância de conhecer o seu passado, para compreendermos a cidade hoje.

Segundo a monografia *Aldo Van Eyck – The shape of Relativity* (1998), no decorrer do século XX houve um momento em que algumas mentes romperam com a análise determinista, em que saíram do chamado pensar Euclidiano. Alguns peculiares e sensíveis indivíduos, entre pintores, poetas, filósofos e cientistas

na sua maioria, permitiram o rasgar do pensar limitado fazendo incríveis descobertas, sem falhar em mostrá-las ao mundo.

“There was a time not so long ago when the minds of men moved along a deterministic groove: let’s call it Euclidian groove. It coloured their behaviour and vision, what they made and did and what they felt. Then, some very keen men with delicate antennae - painters, poets, philosophers and scientists most of them – jumped out of this groove and rubbed the deterministic patina off the surface of reality. They saw wonderful things and did not fail to tell us about them. Our unbounded gratitude is due to them: to Picasso, Klee, Mondrian and Brancusi; to Joyce, Le Corbusier, Schonberg, Bergson and Einstein, to the whole wonderful gang. They set the great top spinning again and expanded the universe - the outside and the inside universe. It was a wonderful riot – the cage was opened.”

(STRAUVEN, 1998, p 58)

Contudo, prossegue Eyck, a sociedade não foi capaz de acompanhar o desafio, fazendo uso parcial e enganador daquilo que estes homens descobriram. Por vezes aplicando apenas a sua vertente técnica e decorativa, esquecendo a sua essência, como um recurso superficial para simular uma mentalidade contemporânea, dita moderna, sem no entanto sair verdadeiramente da “gaiola”. Reconhece ainda que, apesar de Le Corbusier e Rietveld terem desempenhado um papel vital na construção de uma nova cultura, a sua “obsessão” pela standardização e industrialização os alienou da origem e dos reais propósitos. E o mesmo terá acontecido com a Arquitectura e Urbanismo dos passados 50 anos, tal como enuncia Van Eyck como uma “maldita verdade”, prossequindo a sua crítica questionando-se quando irão os arquitectos e urbanistas (presos e obcecados pelo modernismo) realmente sair da dita “gaiola” e dar seguimento autêntico ao pensamento contemporâneo, adequado, actual e pertinente, ao invés de exhibir tecnologias e ostentar uma falsa e enganadora “inovação”.

Ao longo de todo este processo temporal de desenvolvimento científico e económico a que chamam de “inovação”, algo fundamental para as cidades foi esquecido: a escala humana.

Imagem 1:Maquete do Plan Voisin, Le Corbusier, 1925

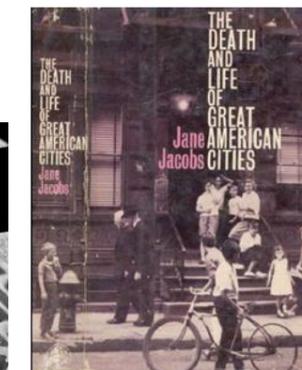


Imagem 2:Capa do Livro mais conhecido de Jane Jacobs., o seu manifesto publicado em 1961

“A damnable truth this. When are architects going to stop fondling technology for its own sake – stop stumbling after progress? When are they really going to join the riot and stop gnawing at the edges of a great idea? Surely we cannot permit then to continue selling the diluted essence of what others spent a lifetime finding. They have betrayed society in betraying the essence of contemporary thought.”

(STRAUVEN, 1998, p 58)

Ou seja, como se as opções e medidas urbanas da modernidade, alienadas segundo uma visão *Top-down*, fossem incapazes de acompanhar as necessidades da sociedade do momento. Como se todo o movimento não estivesse adequado ao tempo real e suas condicionantes, mas meramente preocupado com questões de desenho, forma, tecnologia e função dos objectos produzidos. Jane Jacobs (1961) também contesta este caminho da modernidade, defendendo que mais importante que o objecto arquitectónico em si só, ou a sua percepção aérea, deveria ser a vida que resulta dele e o seu contributo para a colectividade. Isso deveria ser evidente pelas interacções humanas proporcionadas tanto no seu interior como no seu meio ao nível da rua. A autora, e importante activista e crítica do urbanismo, dedicou energias a tentar combater arquitectos e urbanistas responsáveis por grandes gestos ou emblemáticos símbolos de poder, representativos de um nome, cultura ou entidade, que muitas vezes

falharam perante o seu contexto e reais necessidades.

Por conseguinte, Jacobs afirma na sua obra que o planeamento urbano modernista rejeita a cidade, por rejeitar os seres humanos que aí vivem em comunidade e pela negação da respectiva complexidade e aparente caos, "if density and diversity give life, the life they breed is disorderly." (in SENNETT, 2006).

A autora destaca-se por ter sido uma das grandes vozes pioneiras a debater a maneira como se construíam as cidades modernas. Para Jacobs, as cidades estavam cada vez mais ocupadas por edifícios singulares e isolados, em vez de pensadas segundo uma ideia de conjunto habitado, como conjunto continuado e equilibrado entre edificado e espaço urbano vivido. Em suma, os avanços do início do século XX levaram a cidades aparentemente "evoluídas", no entanto desconectadas, desumanizadas e impessoais.



Imagem 3 e 4: Retratos da vida urbana, espontaneidade que a rua permite



1.3

COMO CONSTRUIR A CIDADE HOJE?

I. HABITAT E A CRISE DO HABITAR

Face o apelo pertinente de Lefebvre para "um novo urbanismo", como se deverá então actuar nas cidades por forma a reparar a "sociedade urbana"? Como fazer uso de instrumentos e políticas urbanas por fim a renovar uma cultura, hábitos e modos de vida? Como poderá o arquitecto e urbanista tentar alcançar de novo o "amor à obra" que antes terá existido perante cidade?

Não pretendemos de modo nenhum responder a estas questões, no entanto é a partir da sua análise, da sua discussão, que percebemos melhor o "papel" que o arquitecto "representa", que nós iremos "representar" na sociedade contemporânea. Actuar nas cidades hoje implica quebrar algumas barreiras de forma a encontrar de novo a vida urbana, a prática da cidadania, a totalidade do habitar e o quotidiano. O passado ditou razão, estrutura, funcionalidade e forma, limitando a espontaneidade dos seus usos e ocupantes. Ensinou práticas que se opõe à natureza das cidades, instáveis e imprevisíveis. Nos contextos urbanos, tal como a lei da História Natural, "time subverts, alters, de-stabilizes" (SENNETT, s.d.) e também as apropriações, comportamentos e rituais, acompanham o tempo e a evolução, em paralelo com as transformações físicas e materiais. Trata-se assim de um processo que deve "escrever a sua própria história".

Richard Sennett (1990), ao repensar as questões da construção de cidade e a dimensão pública, defende também que a colectividade deverá ser reparada com vista à vitalidade da vida urbana. Para este autor, a instabilidade necessária que resulta de tais transformações e factores humanos, o caos que constrói o dia-a-dia e as cidades ao qual Jane Jacobs se referia, contem no entanto estrutura própria, ou melhor um conjunto variado delas; ao passo que a estabilidade harmoniosa não é mais que

estagnação. Soluções demasiado determinadas como as heranças modernistas, terão levado à insustentabilidade urbana e conseqüente isolamento e segregação. Debruçado sobre questões como o planeamento urbano e conseqüências nos comportamentos humanos, defende o *public realm* como um processo, um trabalho em constante progresso tendo o espaço, com os seus actores (moradores e transeuntes) como constantes agentes definidores do lugar ao longo do tempo. E assim devem ser pensadas as respectivas operações urbanas.

Neste âmbito Sennett reflete sobre a forma de actuar nas cidades e compara *Open and Closed System*, dois sistemas opostos, defendendo o primeiro em detrimento do segundo:

“By a closed system I mean a system in harmonious equilibrium, by an open system I mean a system in unstable evolution. My argument is that the closed system has paralyzed urbanism, while the open system might free it” e ainda, “Open and closed systems alter the way we think about the public realm of cities, and within the public realm, how we think about planning and shaping the city in the future as well as its existing condition.”.

(SENNETT, s.d.)

Por conseguinte, os conceitos de situação, *changeability*, *transience*, que nos seus primórdios se prenderem com os movimentos alternativos ao CIAM, continuam a ser relevantes e definem uma diferente abordagem na arquitectura e urbanismo. Estes conceitos vão de encontro a uma visão de cidade como rede de espaços em metamorfose, espaços estes que abrigam diferentes grupos sociais e *canons* formais opostos, onde o espaço público é o exemplo disso: organismos “vivos” em constante ajuste, sujeitos a novos *inputs*, que aprendem com o contexto envolvente. Também em Lefebvre encontramos um pensamento que se aproxima da ideia de *Open System*. de Sennett Trata-se de uma via que deixa em aberto para a construção do espaço por parte dos seus utilizadores como defende Lefebvre: “a cidade a construir, a sociedade urbana, terá de ser obra dos seus próprios habitantes, e, a construção da “sociedade urbana” deve afirmar o primado do habitar sobre o habitat, do uso sobre a troca, da vida

quotidiana sobre a vida programada.” (SÁ, 2016, p.9), opondo-se a um sistema fechado, determinista segundo o qual muitas cidades cresceram.

Podemos encontrar em ambos autores, Lefebvre e Sennett propostas para um “novo urbanismo”, pois tal como Lefebvre também Sennett alerta para a necessidade de uma nova leitura das sociedades de hoje, e de uma diferente abordagem na construção e reconstrução das cidades.

“That suggests something about the art of making better cities today. We need to overlay different activities in the same space, as family activity once overlay working space. The incompleteness of capitalist time returns us to the issue that marked the very emergence of the industrial city, a city that broke apart the domus - that spatial relation which had, before the coming of industrial capitalism, combined family, work, ceremonial public spaces and more informal social spaces. Today, we need to repair the collectivity of space to combat the serial time of modern labour.”

(SENNETT, 2001)

Felizmente, esta forma de fazer cidade foi já aplicada por alguns arquitectos marcantes, como Lina Bo Bardi ou Aldo Van Eyck, através das suas obras colectivas onde a “abertura” ou indefinição, que iria permitir que qualquer coisa acontecesse, demonstram o seu sucesso. Disto são exemplos a praça coberta do MASP (1968) ou a sala colectiva do SESC (1977), de Lina – São Paulo, Brasil, e os inúmeros *Playgrounds* do Pós-Guerra de Van Eyck.- Amesterdão, Holanda.



Imagem 5: Exemplo de um dos Playground de Van Eyck

Imagem 6: Fotografia da sala colectiva do SESC Pompeia, tirada em 1977

Imagem 7: Praça coberta do MASP (Museu de Arte São Paulo)



Entre outros mais recentes, destacam-se o grupo Holandês ZUS (Zones Urbaines Sensibles) e as iniciativas do projecto We Traders, do Goethe-Institut, cujos casos práticos serão mostrados adiante. Nestes exemplos é especialmente relevante a estratégia urbana subjacente, sem um plano definido e que depende da participação dos seus utilizadores para o respectivo desenvolvimento. No primeiro, em Roterdão, justamente intitulado “test site”, a estratégia seguiu uma espécie de guião que deixa em aberto a duração e desenvolvimento do plano, ao invés de recorrer ao *master-plan* que geralmente prevê um final rígido. We Traders por sua vez, acolhe uma série de projectos e iniciativas em diversas áreas da vida urbana, que envolvem os cidadãos na decisão e portanto que resultam imediatamente das suas necessidades. Ambos procuram promover o contacto ao longo desta autoconstrução, envolvendo variadas actividades e agentes.

Todos os anteriores, são sobretudo projectos que levantam hipóteses e que ao mesmo tempo carregam incertezas perante o futuro, que inevitavelmente resultarão dos usos quotidianos e da vida urbana que daí poderá surgir. Representa um sistema aberto e é um excelente exemplo disso e do envolvimento colectivo no “reparar” da cidade.

II. O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

O ser humano precisa de abrigo.

Ao mesmo tempo, precisa de exposição no mundo de forma a conhecer-se, necessita de fazer parte de uma colectividade para entender a sua circunstância. O isolamento levará ao seu declínio.

“From early on i have suspected that the so importante-sounding task “Know thyself” is a ruse of a cabal of priests. They are trying to seduce man from activity in the outside world. To distract him with impossible demands; they seek to draw him into a false inner contemplation. Man only knows himself insofar as he knows the world – the world he only comes to know in himself and himself only in it.”

(Goethe *in* SENNETT, 1992, p. VII)

As cidades sempre tiveram o potencial de tornar os seres humanos e a sua existência mais complexa. Significativa. Capaz de desenvolver carácter e um sentido individual mais profundo, onde cada um dos que aqui habita não está sujeito a qualquer esquema de identidade fixa. Segundo Sennett, é este o poder da “estranheza” (*strangeness*), a liberdade de identificação e definição arbitrária das cidades.

Hoje, os arquitectos e urbanistas enfrentam novos desafios. A globalização afetou profundamente a organização económica e social das sociedades contemporâneas. Os novos transportes públicos como o avião e os comboios de alta velocidade, permitem estabelecer uma nova relação espaço-tempo, alterando conseqüentemente a experiência aí vivida.



Imagem 8:
O colectivo na cidade

II. 1

GLOBALIZAÇÃO: NOVO CAPITALISMO E NOVA CIDADEIDADE

II. O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

“Once people used to come to the city in search of anonymity, diversity and the freedom to meet others. Cities were also places of collective struggle and solidarity. Now, just as the work place is affected by a new system of flexible working, so architecture become standardized and impersonal.”

(SENNETT, 2001)

No mundo moderno e na sua condição actual de desenvolvimento e globalização, deram-se significativas transformações no sector laboral com repercussões que têm vindo a moldar as relações humanas. Ao contrário do que acontecia com as gerações anteriores, hoje as tarefas laborais substituem carreiras de uma vida onde cada projecto tem objectivos específicos e duração limitada. Uma enorme pressão governa, dadas as exigências impostas pelo melhor, onde a competitividade prevalece sobre a fraternidade e a lealdade. Só desta forma é então possível para as empresas responder às constantes alterações do mercado. Uma equipa vence as outras, após um conjunto de recursos investidos e desperdiçados, contribuindo para discrepâncias e desigualdades salariais.

Com isto, os indivíduos não se fixam, transitando constantemente entre equipas e grupos de trabalho. A efemeridade da responsabilidade acentua o desapego e afeta a capacidade de dedicação às situações pela instabilidade que representam. Não há confiança informal em qualquer espécie de aliança pois é escasso o tempo necessário para conhecer o próximo. São situações temporárias onde uma das partes estará de saída, sem que tenham sequer chegado a partilhar um destino ou interesses

comuns. Não há envolvimento⁵. Esta nova forma de organização do trabalho da sociedade globalizada reflecte-se também na forma de estar na cidade onde as relações são igualmente superficiais, de curta duração e sem envolvimento.

Subjacente a esta condição do mundo moderno está o capitalismo flexível, como denominado no artigo de Richard Sennett (2001), e este poderá ser assim responsável em especial pelas três seguintes manifestações na cidade:

A primeira influencia o apego e relação com o espaço físico da cidade, sendo a mobilidade largamente responsável, ao invés da permanência, apagando o sentido de pertença ao lugar; a segunda está ligada à standardização, neutralidade e indiferença da envolvente construída; e a terceira, menos visível, aponta para a vida familiar e o risco das premissas do trabalho moderno “don’t commit, don’t get involved, think short-term” serem levadas para casa, conduzindo ao isolamento como uma reacção subconsciente, com ressonância na vida particular e colectiva agravando a incapacidade de contacto com o “outro”. Estas três manifestações são particularmente evidentes na participação colectiva na cidade. O desenvolvimento das suas capacidades cívicas, fundamentais também nos laços mais próximos, é negligenciado contribuindo para um carácter cada vez mais individualista.

“Flexible capitalism has precisely the same effects on the city as it does on the workplace itself: superficial, short-term relations at work, superficial and disengaged relations in the city. (...) At the same time, the flexibility of the modern workplace creates a sense of incompleteness. Flexible time is serial - you do one project, then another unrelated one - rather than cumulative. But there is no sense that, because something is missing in your own life, you should turn outward to others, toward that «neighbourliness of strangers».”

(SENNETT, 2001)

⁵ “People work intensely, under great pressure, but their relations to others remain curiously superficial. This is not a world in which getting deeply involved with others makes much sense in the long run.” (SENNETT, 2001)

Além deste encadeamento de fenómenos, existe também uma outra dimensão responsável: o poder político - um governo que opera sem compromisso ou responsabilidade, cultivando nos cidadãos a indiferença geral perante as necessidades da cidade, sem memória ou interesses partilhados. A globalização levanta desta forma um problema de cidadania, não só nas cidades como também nas nações.

Se por um lado o mundo global tem capacidade para expandir e proporcionar a mobilidade necessária (fluxos de migrantes em resposta às transições da situação laboral), por outro, parece não ter capacidade, política e humana, de entendimento e conciliação de diferentes interesses para a mútua associação entre coabitantes. A segregação é exemplo disso, havendo cada vez mais bairros pobres e condomínios fechados.

Toda esta condição da sociedade actual parece levar à necessidade de um renascer da cidadania e acesso à cidade e dimensão pública por forma a reparar a colectividade perdida e quem sabe “curar” o indivíduo.

II.2

A DIMENSÃO PÚBLICA CIDADE E CIDADANIA

II. O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

É impossível pensarmos a cidade sem as pessoas que nela habitam, a percorrem, a visitam. Assim, o *Publico* é outro vasto assunto sobre o qual inúmeros autores e escolas se dedicaram a estudar, tendo como menciona Jordi Borja (2000) uma dimensão espacial, simbólica e política⁶. Daqui em diante este termo será discutido simultaneamente na sua vertente física (espacial e social), e na sua vertente política.

Dimensão física, espacial e social

Para a primeira, Richard Sennett começa por afirmar que *Public Realm* é, (1) acima de tudo um lugar; (2) que tradicionalmente pode ser definido segundo um local específico na cidade, geralmente identificado como praças, largos, parques, ruas, teatros, cafés, bibliotecas, assembleias, mercados, ou qualquer outro onde seja provável que estranhos se cruzem; e que (3) aquilo que o difere do domínio *privado* é o grau de conhecimento que uma pessoa ou grupo detém sobre o seguinte, sendo que o conhecimento incompleto se aproxima em contexto público do anonimato. Com o avanço tecnológico e dos *media* este sentido físico e espacial volatilizou-se, mas independentemente disso, aquilo que move o discurso de Sennett é que *Public Realm* pode ser simplesmente definido como o local onde estranhos se encontram⁷.

⁶ "Es decir que el espacio público es a un tiempo el espacio principal del urbanismo, de la cultura urbana y de la ciudadanía. Es un espacio físico, simbólico y político." (BORJA, 2000, p. 8.)

⁷ "The public realm is, moreover, a place. Traditionally, this place could be defined in terms of physical ground, which is why discussions of the public realm have been, again traditionally, linked to cities; the public realm could be identified by the squares, major streets, theatres, cafes, lecture hall, government assemblies, or stock exchanges where strangers would be likely to meet. Today, communications technologies

Existem ainda muitas outras definições como a que encontramos no Dicionário de Urbanismo de Robert Cowan (COWAN, 2005) na qual *Public Realm* corresponde a parte da vila, povoação ou cidade (independentemente de dono público ou privado) que está disponível, gratuitamente, para que todos possam usar, frequentar ou disfrutar, todo o recinto acessível e disponível 24 horas por dia, havendo, claro, critérios para classificar este espaço ou domínio público consoante a qualidade do seu usufruto e acesso. Nas palavras de Katherine Shonfield, todo o tempo passado fora da casa e do local de trabalho é passado no espaço público, acrescentando ainda segundo o urbanista David Engwicht (2003) que as cidades se compõem por dois tipos de espaço: «exchange space and movement space», e ainda, de encontro à posição de Sennett, enfatizando:

“The more diluted and scattered the exchange opportunities, the more the city begins to lose the very thing that makes a city a city: a concentration of exchange opportunities.”

(Engwicht *in* COWAN, 2005, p.312)

Jordi Borja, por sua vez na sua obra, concorda e consolida o raciocínio anterior afirmando que “la “ciudad ciudad” es aquella que optimiza las oportunidades de contacto, la que apuesta por la diferenciación y la mistura funcional y social, la que multiplica los espacios de encuentro.” (BORJA, 2000, p.16), destacando justamente o potencial de reunião subjacente ao *Public Realm* e a sua importância nas cidades.

Dimensão política:

A segunda vertente de *Publico*, poderá ser compreendida como realidade, atributo, uma qualidade urbana segundo a qual o chamado *Public Realm* pode ser algo como um bem colectivo (imaterial), oposto ao isolamento e individualismo, que privilegia o contacto plural e que constitui a oportunidade

have radically altered the sense of place; the public realm can be found in cyber-space as much as physically on the ground.» ... «The public realm can be simply defined as a place where strangers meet. The difference between public and private lies in the amount of knowledge one person or group has about others; in the private realm, as in a family, one knows others well and close up, whereas in a public realm one does not; incomplete knowledge joins to anonymity in the public realm.(...) The public realm offers people a chance to lighten the pressures for conformity, of fitting into a fixed role in the social order;» (SENNETT, s.d.)

para a liberdade do indivíduo e a prática dos seus direitos e deveres de cidadania. Representa acima de tudo um exercício urbanístico, político e cultural, para fazer cidade justa, coesa e integrada⁸.

Considera-se com isto que ambas as vertentes anteriores – dimensão física, espacial e social, e dimensão política - sejam indissociáveis, pois o espaço físico não deixa de ser idealmente o palco para a manifestação da cidadania, enquanto ética e conjunto de direitos e deveres que a co-habitação em público implica. Assim, o conhecido *Public Space* enquanto lugar corpóreo é uma demonstração da mesma colectividade e um indicador da qualidade urbana pois põe em evidência não só a qualidade de vida mas também a qualidade da cidadania de quem nela habita.

Voltando atrás no tempo, para os Gregos, *Público* ou melhor, *synoikismos*, significava “fazer cidade” (SENNETT, 1989). Um termo de dimensão moral e social no qual *syn* remete para a aproximação ou reunião (interações e relações, a componente social), e *oikismos* para o acto de tornar central (componente espacial) *oikos*, algo entre vila e a família. Desta forma, *Público* deveria não só juntar no mesmo sítio indivíduos funcionalmente dependentes entre si, com valores e crenças distintas, como ainda oferecer centralidade, sendo o local onde o confronto com a diversidade ocorria - para eles a *Agora*, palco para algo memorável⁹, seria portanto o espaço com estas duas características: fomentar o sentimento de pertença e reconhecimento de uma centralidade.

Na actualidade todo este conceito tem vindo a ser destruído, ou mesmo dizimado. De acordo com o historiador Spiro Kostof há já muito que o *Public Realm* se encontra em decadência (*in* COWAN, 2005). Actualmente o que entendemos por *Espaço Público* está sobretudo associado a espaços de circulação, consumo e lazer, eliminando a dimensão de cidadania e interacção social antes implícita que levava a algo mais consequente e político. Porque o que atribui no fundo a referida capacidade de aprender e evoluir com a diferença dos outros é, em vez do consumo, do tráfico e do movimento, a permanência e a capacidade de discussão. Apesar do cenário enganador e consumista que parece dominar as cidades, o ser humano necessita de contacto com o estranho tal como sugere Kostof “we

⁸ “El espacio público es un desafío global a la política urbana: un desafío urbanístico, político y cultural, referido a toda la ciudad.” (BORJA, 2000, p.41.)

⁹ “To have a meaningful city center, something has to happen there politically.” (SENNETT, 1989, p.82)

still want to be with other people, if not engaging them directly, at least watching them stroll by". (in COWAN, 2005, p.313)

No mundo moderno, a espontaneidade deste significado parece ter ficado perdida. Como aponta Manuel Graça Dias (2012) os Espaços Públicos estão hoje limitados a "pálidas imitações", os centros comerciais são exemplo disso, privatizados e marcados pelo consumo e pela circulação, onde o público não passa de uma mera "simulação". Estes factores levam inevitavelmente ao insucesso da realidade *Pública* e a questão que Richard Sennett levanta parece ser simples: os estudos urbanos encontram-se num empasse intelectual por não serem já capazes de encontrar uma configuração de cidade e destes espaços públicos que se adequem à nossa sociedade, pois o *Público* depende da capacidade para o discurso e os seus problemas estão fortemente relacionados com esta capacidade.

"You can't have a public realm, you can't have Synoikismos, if people don't exchange with one another, and the element of exchange is talk."

(SENNETT, 1989, p.83)

Levantam-se as seguintes questões: quais então, nos tempos de hoje, as condições espaciais, funcionais e de desenho que proporcionam o inicial sentido do termo Grego, uma centralidade comum e partilhada?; como criar condições para quebrar barreiras morais e espaciais e lutar contra a segregação e intolerância?; de que forma as políticas urbanas e a arquitectura podem servir para o desenvolvimento ético da sociedade (no sentido da tolerância, aceitação, empatia, envolvimento em vez da indiferença e do preconceito), através de características visíveis que possam influenciar a construção do cidadão e cidadania?

Ainda assim, a dúvida soberana vai mais além: O problema que se afigura na sociedade contemporânea parece ser como encontrar meios para encontrar o interesse comum, como questiona Richard Sennett:

"How do differing people find a means of using the word "we"?"

(SENNETT, 1989, p.82)

III.3

ABRIGO COMO VIA DE APROXIMAÇÃO UM DESEJO COMUM

II. O INDIVIDUAL E O COLECTIVO

Além da carência de espaços da cidadania, e da indiferença face à colectividade, o problema que aqui se coloca poderá também estar relacionado com as políticas urbanas de habitação e o direito à casa. Não com isto querendo sugerir novamente a "urgência da habitação, que nos tempos modernos veio a ocultar os problemas da cidade" (SÁ, 2016, p.2), pois, é certo que a dimensão colectiva tem um grande poder nas cidades e sem dúvida, manifesta-se e opera nos espaços públicos e do quotidiano. No entanto, é nas estratégias de habitação que reside a possibilidade de aproximar a diferença, procurando a produção de um espaço socialmente e culturalmente heterogéneo. Assim, defende-se que Habitar sem o Habitat, perde efeito já que a casa e os espaços do quotidiano estão igualmente dependentes entre si para a desejada coesão e integração, nas cidades actuais.

A realidade global que enfrentamos hoje viu os centros urbanos expandirem-se segundo os ideais funcionalistas do modernismo, opções de alojamento com base no zonamento e hierarquização espacial. Em muitas cidades, tal como em Lisboa, a resposta política à necessidade de habitação a baixo custo levaram à fragmentação, e estratificação social, onde o centro é maioritariamente ocupado pela classe média-alta, e a periferia pelos grupos mais desfavorecidos. Esta opção cria diferenciação entre as diversas zonas da cidade e por vezes barreiras entre elas, *boundaries*¹⁰ segundo Sennett, que condenam as sociedades a estigmas, preconceitos e intolerância.

¹⁰ O autor remete para este termo - *boundaries*, ao comparar a cidade com a ecologia natural quando se refere a barreiras ou um "limite" entre diferentes zonas (exemplo de uma parede), apontando para a situação de *border* como algo desejável em vez de *boundary*, pela sua

“The quality of life in a city is good when its inhabitants are capable of dealing with complexity. Conversely, the quality of life in cities is bad when its inhabitants are capable only of dealing with people like themselves. Put another way, a healthy city can embrace and make productive use of the differences of class, ethnicity, and lifestyles it contains, while a sick city cannot; the sick city isolates and segregates difference, drawing no collective strength from its mixture of different people.”

(SENNETT, 2011)

Zygmunt Bauman (2006) aborda também esta questão referindo-se ao multilinguismo e à diversidade cultural como característica da globalização, despertando o que chama de mixofobia que é uma reacção previsível na cidade, e corresponde ao receio de se estar em co-presença física com desconhecidos. Esta reacção leva os cidadãos a procurarem indivíduos iguais (da mesma classe, com o mesmo nível económico e cultural), afastando-se dos outros que são diferentes. Pela mesma razão, o homem fecha-se no seu abrigo e isola-se, desaprendendo a arte da conciliação. Hoje a casa transformou-se num reflexo do mesmo medo, dessa fobia e incapacidade de participação e da aceitação do outro diferente.

Tendo já abordado os temas da cidade e do Espaço Público, a casa - o espaço pessoal e da família por excelência, assume necessidades e configurações específicas sendo um reflexo muito próximo dos indivíduos que a habitam. A casa espelha interesses e receios, cultura, crenças e princípios, modos de vida de uma sociedade, conjunto de elementos que hoje parecem tornar-se cada vez mais individuais e menos colectivos. Mas, a “casa” (enquanto reprodução da “célula” ao conjunto da habitação plurifamiliar: os edifícios de habitação) poderá também ter o papel reversível de retorno à colectividade, uma vez reavaliadas e redefinidas as reais prioridades da nossa sociedade.

capacidade de fusão de realidades diferentes como um território partilhado (como uma membrana porosa, não rígida). Este sim é capaz de proporcionar interacção, ao contrário do primeiro que apenas estanca e separa. (SENNETT, s.d.)

Hugo Farias (2014) defende que a habitação se mantém como tema central da investigação arquitectónica na medida em que terá sempre novos desafios aos quais responder face as rápidas transformações dos modos de habitar contemporâneos:

“As exigências da vida moderna são tão complexas e mutáveis que todas as tentativas por parte do arquitecto de as antecipar resultam num edifício inadaptado à sua função.”

(Colquhoun *in* FARIAS, 2014, p.2)

Por esta razão, continua o professor, a habitação deve contemplar ideias de flexibilidade, ambiguidade funcional, adaptabilidade, polivalência e desierarquização espacial, por forma a oferecer hipótese para famílias ou indivíduos com diferentes capacidades financeiras, situações mais ou menos provisórias, diferentes tipos de famílias e novos modelos de habitar.

Acredita-se então que a resposta para uma aproximação das diferenças, e o encontro de um desejo comum, poderá estar no Habitat - a casa, tirando partido da “variedade como promessa de oportunidades” (BAUMAN, 2006, p.44). Com recurso a soluções com características de flexibilidade, ambiguidade, adaptabilidade, etc, ao contrário dos espaços homogéneos como por exemplo os condomínios fechados, poderá como Bauman discute, estar nas mãos dos arquitectos e urbanistas o contributo para o desenvolvimento da *mixofilia*¹¹, atenuando a “desorientação e angústia que o impacto da mixofobia comporta”.

¹¹ Mixofilia segundo Bauman (2006) é a obtenção de prazer através da convivência com estranhos

As cidades correspondem ao desejo mais ancestral do homem, o desejo de habitar: o desejo de um abrigo e o desejo de pertencer a algum lugar neste mundo, e, *“a arte de vivermos em paz e harmonia com a diferença e de beneficiarmos, serenamente, da variedade de estímulos e oportunidades que comporta é uma das capacidades primordiais que o habitante de uma cidade deve adquirir e pôr em prática.”* (BAUMAN, 2006, p.45)

Posto isto, a par dos lugares das rotinas, das trocas, e da expressão colectiva, neste trabalho a casa ganha igual relevância, pois, espaço pessoal e o espaço social são conceitos complementares que exercem uma influência mútua no entendimento da cidade. Se o primeiro protege e oferece privacidade (também elas na sua medida uma necessidade humana), o outro liberta e oferece escolha, oportunidades¹². Não se defende um em detrimento do outro, mas sim, aquilo que se sugere com este trabalho é uma maior abertura da casa para a cidade, para o abandono do refúgio em que o abrigo se tornou, superprotector das incapacidades humanas, para maior capacidade de participação e inclusão.

Como será então possível alcançar meios para um “nós”, comum à pluralidade, e como pô-los em prática? Eis a questão fundamental com que a actualidade se depara, eis o desafio que se levanta neste trabalho: como encontrar forma de ver na diferença uma abertura para a aprendizagem da cidadania, e de que maneira deve a arquitectura responder perante a necessidade primordial do homem – habitar – tanto na definição dos lugares do quotidiano como na definição do espaço da casa? Os exemplos que se seguem servem justamente para comprovar tais hipóteses, tanto no que toca à colectividade com os espaços públicos “abertos e acolhedores” que Lina Bo Bardi desenhou para o SESC Pompeia (São Paulo, Brasil 1977), como pela diversidade das formas do novo habitat sugeridas na combinação dos dois projectos seleccionados de Silodam (Amesterdão, Holanda 1995-2003), Gifu (Kitagata, Japão 1998) e do estudo das Habitações Satélite (Catalunha, Espanha 2010).

¹² *“City for us implies an openness to the world, the availability of choice, space. Excitement, adventure, risk and danger are part and parcel of it. House by contrast presupposes containment, protection, somewhere to yourself; where you can relax, rest, reflect and gather your wits together.”* (HERTZBERGER, 2010, p.172)

III. CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR

Este capítulo reúne um conjunto de casos práticos que demonstram e aplicam as ideias defendidas nos capítulos anteriores. São exemplos que, combinadas algumas das suas características, culminam na proposta de projecto para o Rio Seco. Assim, a ligação dos três pontos deste capítulo sugere uma estratégia – urbana, arquitectónica e social, que se tentará empregar adiante no projecto final. Estes pontos - ao incidirem nos três campos principais deste trabalho que se prendem Cidade, Casa e Quotidiano, sem valorizar qualquer um acima de outro, levantam, entre outras, a questão de saber quais os meios para a sua realização. Por exemplo, sugere-se a “reformulação do habitat” (ponto 2.) de onde emerge a questão “como fazê-lo?” A resposta que se procura dar é: recorrendo ao desenho da casa no sentido da flexibilidade, da adaptabilidade e da oportunidade para maior oferta e aproximação da diferença. E o mesmo se pode questionar na temática da cidade (ponto 1)- “como fazer cidade?” – pensando nas circunstâncias de efemeridade e permanência que apontam para uma nova forma de planear a cidade. Por último, “como recuperar o simbólico do quotidiano?” – através

das heterotopias¹³, espaços de ambiguidade programática e dos seus usos, abertos e acolhedores, das rotinas, das trocas e das relações sociais do quotidiano (ponto 3.).

É ao conjunto de perguntas concretas formuladas na anterior incursão teórica, e que suscitam dúvidas aquando da operacionalidade em contexto real, que procuraremos responder apresentando alguns exemplos de projectos já realizados. O presente conjunto de casos de estudo revela que as evidências são positivas, e levam ainda a uma esperança. A resposta está em curso, possivelmente dispersa em diferentes exemplos, mas em curso aos poucos e poucos. O que resta parece ser combinar estas qualidades numa só proposta, como uma hipótese idealizada de um cenário (imaginário) construído do que poderá vir a ser a frente de Parque do Rio Seco, como se verá no capítulo final.

¹³ São lugares que não resultam de um planeamento racional espaços neutros como os cruzamentos, lugares de passagem (LEFEBVRE, RU)

III. 1

FAZER CIDADE: EFEMERIDADE-PERMANÊNCIA E CO-PRODUÇÃO

III. CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR

“The imaginary power of architecture can contribute to a necessary shift of boundaries between private and public, short and long term, temporary and permanent. It’s within these paradoxes that true progressive projects can emerge that on the one hand take a longterm responsibility and on the other hand offer a possibility for user and civic engagement. The projects of ZUS are therefore never just architectural statements, but fundamentally routed within the city, civic society and within an extensive planning tradition.”

(ZUS, s.d)

Permanent Temporality e a co-produção prendem-se com o planear e “fazer cidade” e exprimem aqui a possibilidade de uma efemeridade adjacente à hipótese da permanência da arquitectura, tal como o envolvimento dos utilizadores na produção de cidade. Estas opções, por serem experimentais em vez de deterministas ou definitivas, permitem que os indivíduos, o tempo e os usos vão modificando o espaço. Este conceito explora uma outra dimensão arquitectónica, que evidencia uma tendência cada vez mais temporária e imprevisível, sugerindo uma mudança no papel do arquitecto/urbanista.

O caso do Test Site, Roterdão, Holanda 2011:

Test Site in Rotterdam é o nome do projecto experimental, proactivo e sem um cliente privado, que procurou revitalizar uma área esquecida da cidade ao ligar dois distritos separados por uma via-férrea. Esta zona de renovação do Pós-Guerra teria sido antes da Segunda Guerra Mundial uma centralidade de vida urbana, de cafés e clubes de jazz, e que posteriormente, após a sua destruição terá sido planeada privilegiando a circulação automóvel. Mais tarde ter-se-á transformado numa zona de edifícios empresariais, alvo da especulação imobiliária, actualmente de escritórios desocupados e ao abandono.

É um projecto do atelier ZUS (Zones Urbaines Sensibles), e reúne um conjunto de dezoito intervenções ligadas entre si por um caminho elevado: the Luchtsingel, que é a peça chave para a total coesão das intervenções e a forma mais visível deste manifesto. Trata-se de um percurso pedonal que liga pontos de interesse como a estação de Hofplein e o seu jardim na cobertura, parques públicos como Delftsehof, Pompenburg Park, e que atravessa ainda o edifício desocupado de Schiedlock, reaproveitado agora como uma fábrica urbana de apoio a jovens empresas e iniciativas, com lojas, bares, *workshops* de culinária, centro de informação, e uma horta comunitária na sua cobertura.

Imagem 9 e 10:
Caminho elevado The Luchtsingel e as placas com os nomes gravados



Apesar do valioso contributo de cada uma das intervenções, aquilo que se destaca, e que aqui importa enquanto caso de estudo, é a abordagem de planeamento que lhe está subjacente e a visão urbana implícita, estratégia que aceita e nasce do constante desenvolvimento e que procura não só a criação

de valor público mas também do sentido de *ownership* enquanto algo que liga os indivíduos à obra no sentido do direito à propriedade, apreço, e sentimento de pertença que advêm de cada um dos seus contributos.

Imagem 11: Proposta do Test Site, conjunto das intervenções, conectados pelo caminho



“An approach with a static future vision, in other words, leads to disillusion and failure because it is often not able to adapt to its changing context. A new paradigm therefore needs to be developed that is capable of transformation, certainly in a time when the instant concepts have shown themselves to become quickly outdated.”

(ZUS, 2007)

O caminho elevado, The Luchtsingel iniciado em 2012, é ainda a primeira infraestrutura pública a ser construída maioritariamente através de *crowdfunding*¹⁴. Um percurso pedonal de madeira, de carácter experimental e possivelmente provisório, fruto de uma inicial campanha onde cada cidadão, ao contribuir com 25\$, poderia comprar uma tábuca desta estrutura e inscrever na mesma o seu nome. Este método de financiamento e de participação da colectividade levou ao prémio de melhor iniciativa urbana – *Rotterdam’ City Initiative*, que viabilizou fundos posteriores para a continuação das outras intervenções tal como o aproveitamento do edifício desocupado de Schieldlock e outros. Projectado para uma duração de 5 anos, a estrutura terá sido pensada para ser mantida por outros 10 se com base nos usos se justificasse a sua permanência. Através destas opções é então colocado nas mãos daqueles que usam a cidade as ferramentas para a construir a partir do quotidiano. Esta potencialidade mostra ainda o posicionamento do urbanista/arquitecto enquanto mediador no acto de construir cidade.

O significado desta iniciativa vai além do objecto construído, servindo como um despertar, um estímulo ao progresso das áreas adjacentes. *Permanent temporality*, o princípio a partir do qual ganha solidez, aponta para um desenvolvimento local sem um fim determinado seguindo um “guião” ao invés de um *master-plan*, capaz de evolução e construção de cidade em *layers* onde o existente é aceite como base para o seguinte, no sentido da diversidade e adaptação à constante incerteza. Defende e demonstra um princípio de ensaio perante a metamorfose urbana, de expansão de ideias agora testadas em contexto e escala real.

¹⁴ É uma forma de financiamento colectivo, geralmente a uma angariação de capital onde o contributo prévio ira tornar possível o projecto ou iniciativa, aplicado em diversas áreas

O Test Site em Roterdão é uma excelente lição daquilo que se acredita vir a ser o renascer do papel dos novos arquitectos, tornando a profissão novamente relevante. Coloca em evidência não só visão crítica mas também uma grande força colectiva. Trata-se de uma ideia para um futuro capaz de adaptação, um futuro sustentável.

“Starting small and testing on a 1:1 scale allows designres to play with ideas and respond to people’s needs and habits in real time. (...) a temporary urban intervention which has evolved as people and businesses use the area, and the signature Luchtsingel bridge at it’s heart. Such projects are transforming disused spaces into one of the most interesting urban developments in Europe.”

(SIESWERDA, 2015) ¹⁵

O projecto We Traders e algumas iniciativas 2013:

Trocando Crise por Cidade é o lema associado a este projecto, do Goethe-Institute, que desde 2013 se espalhou por cidades como Madrid, Turim, Berlim, Lisboa, Toulouse e Bruxelas, em resposta ao contexto actual da diferenciação social e falta de envolvimento. É um projecto que liga iniciativas de artistas, designers, arquitectos, activistas e muitos outros cidadãos Europeus em prol do bem comum nas cidades, seja ele no sector económico, social ou ecológico, onde a “co-determination becomes co-authoring”.

“Communities are becoming patrons where they were once supplicants. Citizens across Europe are currently taking the initiative to re-appropriate urban space. We call them “We-Traders”.”

(EPPLÉ, s.d) ¹⁶

¹⁵ Jouke Sieswerda, arquitecto do grupo ZUS

¹⁶ Angelika Fitz and Rose Epplé, curadoras do projecto We Traders (como fica a norma se há dois autores?)

Cria uma plataforma de conhecimento e produção, partilhando experiências das diferentes cidades e iniciativas, a partir da qual procuram responder a questões como “quais as práticas que correram bem?”; “poderão alguns elementos ser replicados noutra lugar?”; como pode funcionar a colaboração entre a iniciativa privada e os agentes públicos (associações, juntas de freguesia, autarquias locais)?”. Nestas experiências o foco está tanto no projecto como nas pessoas que contribuem para o seu desenvolvimento, e, mais uma vez, a atenção parece incidir na questão da co-produção em detrimento da procura do objecto pois tratam-se sobretudo de iniciativas experimentais. De impacto na arquitectura mais concretamente, podem seleccionar-se os casos de Campo de Cebada - enquanto regeneração do espaço público abandonado para gerar inclusão, poder de decisão e por em prática a cidadania num contexto de conflito - aqui os residentes além de partilhar responsabilidade pelo uso público do espaço, decidem também as actividades e os projectos levados a cabo; ou o trabalho dos ateliers de Elijido Villaverde e Gabinete de Crisis de Ficciones Políticas, e de *Todo Por La Praxis* – de intervenções no espaço público e construção de pequenas instalações e equipamentos urbanos para programas socio-culturais, recreativos, desportivos, e outros, todos em Madrid, Espanha (2013).

Imagem 12: Lema
We Traders



Entre os inúmeros exemplos de envolvimento das comunidades que We Traders apoia, interessa-nos aqueles que remetem não só para a participação colectiva mas em particular para aqueles que contemplam a espontaneidade que os espaços públicos comportam, contribuindo para a construção do espaço e vida urbana que tanto Lefebvre como Sennett defendem para o “novo urbanismo”.



Imagem 13, 14 e 15:
Exemplos das iniciativas
We Traders

III.2

REFORMULAÇÃO DA CASA: FLEXIBILIDADE, ADAPTABILIDADE E OPORTUNIDADE

III. CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR

Agora com foco na habitação, a questão da oportunidade, da variedade, e mesmo da adaptabilidade, levantam-se aqui como questões fundamentais tendo como especial objectivo o acesso de todos os grupos sociais, mais ou menos desfavorecidos, à casa. Por via da habitação, habitar a cidade poderá tornar-se algo disponível para o maior número através de um convívio quotidiano de trocas e mistura social. As questões anteriores, aliadas à hipótese de uma “efemeridade permanente” e à oferta de espaços cívico-colectivos, constituem o core da presente proposta aumentando a adequação à multitudine de necessidades das diferentes formas de habitar a casa e a cidade. Vejamos então os exemplos que seguem.

O caso de Silodan, Amesterdão, Holanda 1995-2003:

Em Silodam, projecto de habitação do grupo MVRDV em Amesterdão, um grande edifício de 10 andares acolhe cerca de 157 apartamentos (para venda ou aluguer), juntamente com escritórios e espaços de trabalho, espaços comerciais e “espaços públicos”. Apesar da resistência oferecida, havia desde o início um desejo adjacente dos arquitectos responsáveis de reunir no mesmo bloco uma variedade de casas suficientemente capaz de juntar famílias de baixo rendimento com outros grupos mais favorecidos economicamente, residentes de idades avançadas, empresários e artistas, sem recorrer a estratificação, separação ou “apartheid constellations”. Os seus moradores seriam tão diferentes entre si quanto as opções que o design e o planeamento do edifício e suas parcelas oferecesse, promovendo diferentes usos, ocupações e interacções. Assim, os 157 apartamentos diferem na área, custo e

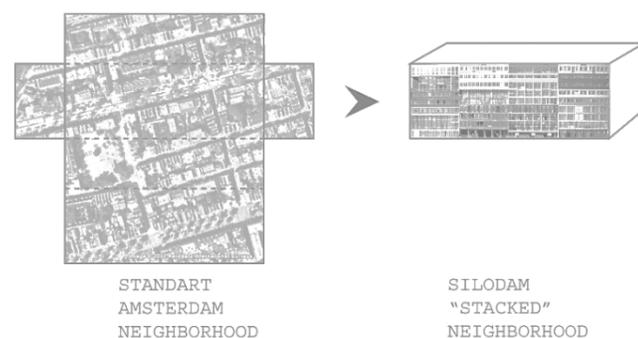
organização espacial e agrupam-se em conjuntos de 8 ou de 12 formando pequenos bairros tridimensionais. Estes bairros variam também no seu *layout* - em torno de um corredor, um jardim, uma galeria ou de um pátio. Um envelope urbano expressivo unifica o conjunto e manifesta esta diversidade, através da fachada, onde a escolha de materiais revela e evidencia esta mesma característica.

"The clients asked us to make a building for a lot of different housing types and also a lot of different financing models, so we wanted to explore the differences in financial categories – not in just making bigger and smaller apartments that were all the same, but with everything in very different spaces inside (...). It has become like a cross-section of the Amsterdam society, so you'll find families, older people, people with many different hobbies, attitudes and lifestyles, and they're all united in one building."

(VRIES, 2015)¹⁷

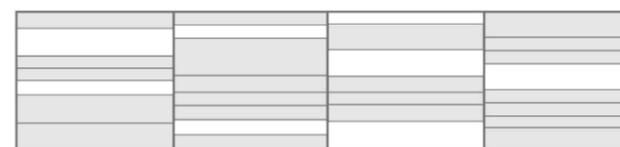
Independentemente da discutível opção de condensar habitação, comércio e “espaços públicos” numa só unidade vertical (à semelhança da Unidade Habitacional de Le Corbusier, levando a uma eventual auto-suficiência e conseqüente isolamento face a restante cidade), e da contestável “publicness” dos ditos espaços públicos, descritos pelo grupo responsável MVRDV, o que interessa neste exemplo é a exploração da diferença e da mistura social como características definidora deste projecto, a oferta de oportunidades.

Imagem 16: Diagramas explicativos de Silodam, programa e intenção urbana



¹⁷ Nathalie de Vries, arquitecta co-fundadora do grupo MVRDV

LOFTS	H.U.T.S.	PATIO	MAISONNETTE
GYMNASIUM	HOBBY	X-HOUSE	OFF-GRADE STUDIO
PANORAMA	UNITE	BALCONY	PANORAMA
PANORAMA	SENIOR	SENIOR	GARDEN HOUSE
HOBBY	STUDIO	LIVE & WORK	DOORSON
VALERIUS PLEIN	STUDIO	WORKLOFT	3 BEDROOM FLAT
VENETIAN WINDOW	HALL + TRAY	MARINA	FAMILY HOUSE
	STORAGE		LIVE & WORK LOFT



Private Public

Imagem 17: Distribuição do programa e proporção entre espaço privado e público



Imagem 18: Edifício Silodam Amesterdão, Holanda 1995-2003

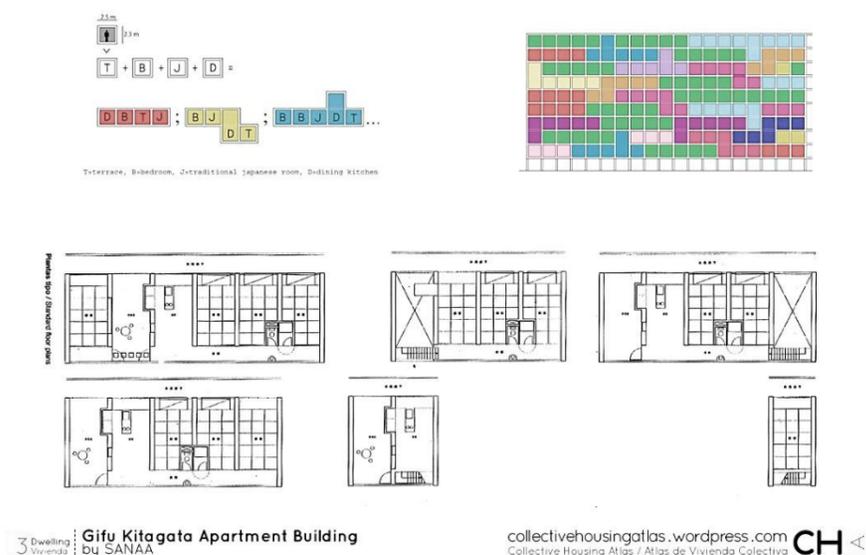
O caso de Gifu, Kitagata Japão 1998:

O complexo japonês, na periferia da cidade de Gifu, foi resultado de um plano de reconstrução para habitação colectiva que decorreu entre 1994 e o ano de 2000. Para este plano foram seleccionadas quatro arquitectas das quais Kazuyo Sejima fez parte, e é o seu edifício que será aqui discutido.

Trata-se de um bloco de apartamentos destinados ao arrendamento, de grande optimização espacial e estrutural, de apenas 8m de empena com grande oferta de tipologias e conseqüentemente para diferentes agregados familiares e estilos de vida. Recorre à standardização e à combinação modular,

sendo a divisão a unidade que se repete, podendo esta ser o quarto, sala de refeições, sala tradicional japonesa, formando distintas combinações. Cada apartamento é constituído por terraço, uma cozinha, quarto de dormir e o “quarto japonês” onde as divisões estão ligadas por um “corredor de luz” (engawa). Ao combinar estas divisões de diferentes formas, e ao multiplicar e repetir algumas delas, dá-se a oportunidade para variadas tipologias.

Imagem 19: Esquema de agregação das diversas soluções tipológicas e desenho do fogo



“Given that this building is made upon rental apartments, it could be assumed that various types of families would live in those units. In other words, we imagine that forms of co-habitation would not be restricted to the existing standard family, but that different types of groupings of people should be considered.”

(SANNA, 2000)

Assim ao longo dos 10 pisos, entre fogos de ocupação horizontal e outros que se alastram ao piso superior, juntamente com os vazados que permitem o respirar do conjunto, a monotonia e densidade

habitual nos blocos de habitação é quebrada. Cada um destes vazados teria também o propósito de oferecer um espaço semiprivado entre a habitação e o espaço distributivo do edifício, como um diluir de fronteiras entre o dentro e o fora, público e privado. Este exemplo japonês põe em prática a racionalização do módulo, fazendo variar as opções de escolha. O aspecto mais relevante do caso de Gifu tem a ver com a sua lógica de repetição, variação, que por sua vez vai permitir maior adaptação às formas de habitar.



Imagem 20: Fachada principal de onde se percebe a combinação das tipologias
Imagem 21: Edifício Gifu, Kitagata Japão 1998



Os estudos Habitação Satélite, Universidade da Catalunha, Espanha 2010:

Habitações Satélite é o nome do estudo avançado pelo grupo Habitar, um conjunto de investigadores de projectos arquitectónicos da Universidade da Catalunha (UPC). Este grupo interessa-se sobretudo pelos desafios das novas formas de vida e da maneira como a habitação poderá responder a estes mesmos desafios, o seu estudo mostra então o especial interesse em explorar a capacidade de expansão da habitação de acordo com as necessidades dos seus inquilinos. Um crescer espacial e

temporal, uma adaptação reversível de combinação de unidades dentro do mesmo edifício. É um conceito que permite a extensão da casa para outro módulo habitacional, mesmo que por um período limitado. Da mesma forma, uma vez desnecessário, esse módulo poderá vir a ser novamente ocupado por outras pessoas.

O grupo habitar refere algumas situações do quotidiano como demonstração da sua viabilidade: o retorno a casa de um filho já emancipado, por divórcio ou outra situação; um elemento da família que precisa de um espaço de trabalho sem estar limitado à área de sua casa; um casal cujos filhos, já adultos, saíram de casa, etc. Acrescenta ainda que esta solução de uma habitação autónoma já foi antes pensada e posta em prática. Se observadas com atenção, já os edifícios da Baixa Pombalina em Lisboa (sec XVIII) contemplavam a opção do "quarto independente" com acesso próprio, em frente às escadas do edifício. Em Paris, número 25, da Avenida de Versailles (Berthold Lubetkin e Hermann Ginsberg, 1928-31), algo semelhante foi também implementado: um estúdio fora da casa, com uma casa de banho e com comunicação ao acesso vertical principal. No século XIX já se encontravam estes estúdios anexados à casa nas habitações de alguns artistas. Seguindo uma lógica diferente, que parte da auto-construção realizada por uma classe social baixa, e tendo em conta a necessidade expansiva e evolutiva da casa, podemos encontrar a Quinta Monroy do arquitecto chileno Alejandro Aravena - Elemental Group, como resposta ao fenómeno da ampliação autoconstruída sem qualquer lei ou regulamentação frequente neste país.

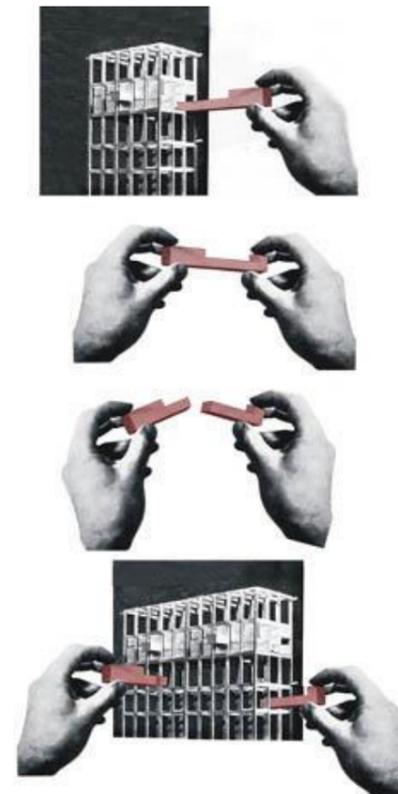


Imagem 22: Estudo das Habitações Satélite

III.3

O SIMBÓLICO DO QUOTIDIANO: HETEROTOPIAS

III. CASOS DE ESTUDO PARA UM NOVO HABITAR

“A beleza por si mesma é uma coisa que não existe. Existe enquanto é porque existe um período histórico, depois muda o gosto. Quando é uma coisa imprescindivelmente ligada à colectividade é bonita porque serve e continua a viver.”

(BARDI, s.d)

Se a habitação pode promover a proximidade, os espaços públicos são o palco do contacto e da colectividade. A primeira poderá reunir, como se viu nos casos anteriores, diferentes condições e formas de habitar através da multitudine de oferta e oportunidades, podendo ser uma via para a igualdade. No entanto, na ausência de uma combinação com espaços do quotidiano, qualificados para a prática de rotinas e da cidadania, poderá tornar-se uma estratégia sem efeito. Juntas sim, poderão ser um meio de integração e coesão social. Desta forma, torna-se igualmente pertinente o apelo aos lugares das rotinas diárias, das trocas e do contacto, do lazer e do “dolce far niente” como defende a arquitecta italo-brasileira Lina Bo Bardi.

A par dos projectos de habitação e da estratégia urbana, segue uma leitura pela obra e visão da Lina.

O caso do SESC, São Paulo, Brasil 1977:

O SESC é uma obra que faz da Arquitectura uma acção integradora e não apenas geradora de espaços. E esta característica é parte do seu programa e propósito. É um centro recreativo e de cultura e também uma organização não lucrativa cujo propósito é promover o desenvolvimento social criando relações harmoniosas entre sectores de produção da sociedade (trabalhadores) e capital (pequenos negócios e serviços). Surge nos anos 70 em São Paulo, Brasil, pela vontade do governo da altura de criar um projecto de lazer e desporto para as regiões mais próximas de Pompeia, onde havia uma fábrica desocupada, levando à encomenda de um Centro Cultural e Desportivo para ocupar este espaço. Foi então que a arquitecta Lina Bo Bardi foi convidada a realizar o projecto, optando por aproveitar as instalações da fábrica como forma de valorização e tributo à memória local de carácter industrial. Tentou, por esta mesma razão, preservar ao máximo a atmosfera através da amplitude dos espaços e materialidade existentes.

“Comer, sentar, falar, andar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol... A arquitetura não é somente uma utopia, mas um meio para alcançar certos resultados coletivos. A cultura como convívio, livre escolha, liberdade de encontros e reuniões. Retiramos as paredes intermediárias para liberar grandes espaços poéticos para a comunidade. Colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira...”

(BARDI, s.d)

O conjunto integra teatros, ginásios e uma piscina, bar, áreas de lazer e recreativas, um restaurante, galerias, biblioteca, oficinas, salas de trabalho, ainda um passadiço para apanhar sol, salas de aulas e de estudo, e inúmeras zonas de estar, que ocupam os edifícios fabris existentes e também a nova construção, erguida por uma necessidade de espaço para dedicar ao programa desportivo. O projecto do SESC reúne assim um “elenco de necessidades”, e, de uma forma muito poética e libertadora, idealiza o funcionamento da cidade. Foi lugar para o lançamento de uma nova expressão que valoriza a “manifestação popular”. De todo o seu vasto programa, é de salientar a área de

convívio: uma sala ampla e aberta, generosa, de acolhimento público como que se de uma praça coberta se tratasse. Esta área tentou resolver o problema ou a escassez de espaços públicos de convívio, e ainda hoje se mostra uma obra cheia de vida e propósito.



Imagem 23:Entrada principal do SESC Pompeia



Imagem 24 e 25: Vivências no interior da grande sala do SESC



Imagem 26: Instalação realizada especificamente para biblioteca e área de leitura da unidade do SESC Pompéia, 2008

“Alguma coisa que nada tem a ver com ‘arte’; uma espécie de aliança entre ‘dovere’ [dever] e ‘prática científica’. É um caminho meio duro, mas é o caminho da arquitetura.”

(BARDI, s.d)

Através da consciência da colectividade e civismo, Bo Bardi procurou acima de tudo responder a questões como “para quem? Porquê? E o quê?” antes das questões da técnica, materialidade e ferramentas rigorosas para a edificação. Referia-se à arquitectura como um serviço colectivo e como a poesia.

IV. PROPOSTA PARA O RIO SECO

A cidade de Lisboa evidencia um conjunto de factores já conhecidos no contexto da globalização, e que permitem uma breve leitura daquilo que constitui hoje a nossa cidade. Apontam-se em especial quatro dimensões que interferem de forma mais ou menos directa no nosso projecto: (1) o turismo, os programas de intercâmbio Erasmus e o acolhimento de migrantes de outras culturas; (2) a instabilidade laboral ou a efemeridade das profissões agora com prazo cada vez mais curto, e a inconstante fixação que daí decorre, aliados por sua vez aos meios de mobilidade, e tecnologias que levam ao desapego dos espaços físicos; (3) uma população envelhecida que parece ser dificilmente reposta pela taxa de natalidade; e (4) um agregado familiar complexo e indefinido.

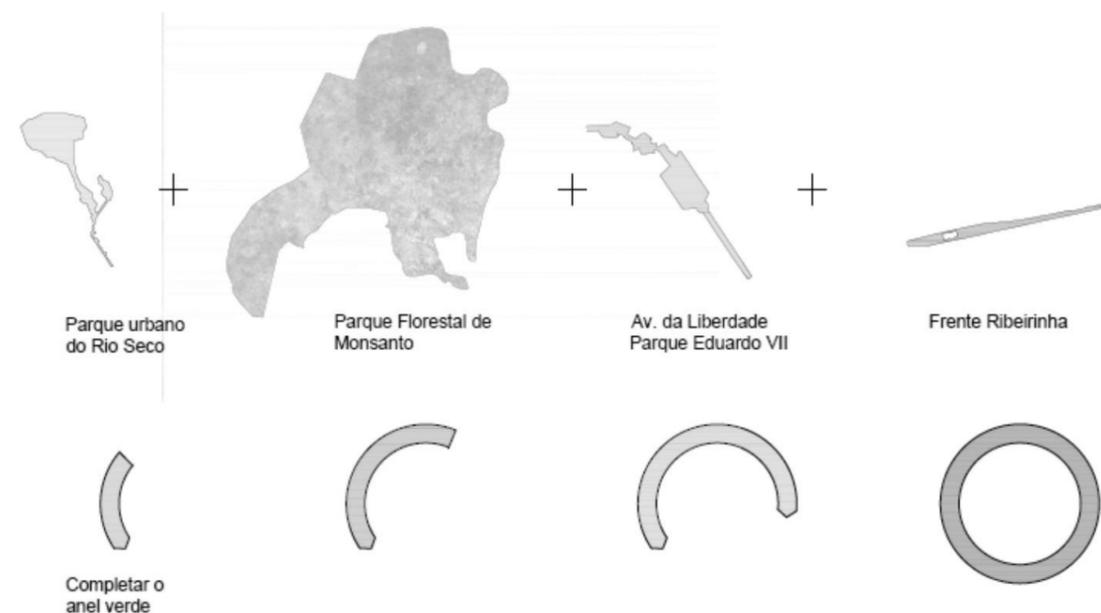
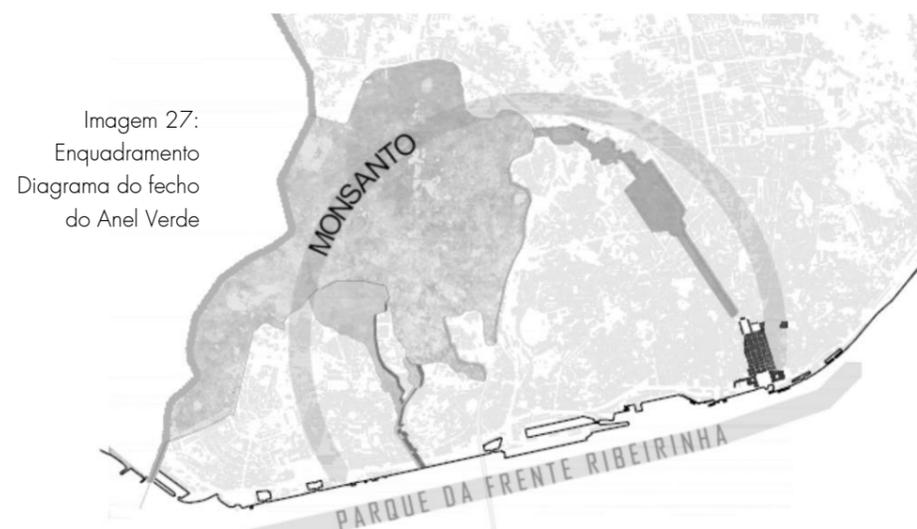
Este quadro da actualidade representa novos desafios para a arquitectura e urbanismo e também vantagens para a sociedade urbana. Acredita-se que a diversidade traz consigo uma aprendizagem, individual e colectiva, e também oportunidades, apesar de estar camuflada pela mixofobia que Bauman descreve ao falar das cidades de hoje. O “estranho” permite o desenvolver de competências sociais e também intercâmbio cultural. Mas será que a arquitectura oferece soluções para tirar partido da diferença e da coabitação? E face à instabilidade e incerteza da vida laboral: poderemos propor mais espaços de trabalho (acessíveis), que sirvam de incentivo ao *co-working*, e que apoiem os ofícios e pequenas iniciativas? Talvez assim se encontre uma alternativa de subsistência que permita alguma fixação. De que forma se poderá construir pensando nos mais idosos, valorizando o seu dia-a-dia e tendo em conta as muitas situações de abandono e isolamento? De que forma poderão as soluções de habitação permitir constante adaptação aos novos modos de vida - que se por um lado parecem quebrar a estrutura familiar, por outro libertam e permitem a emancipação do indivíduo?

De que modo pode então o arquitecto responder a estas alterações da sociedade globalizada e propor uma arquitectura onde o homem, (o ser humano) seja o centro das prioridades?

Enquanto estrutura urbana, se olhada de longe segundo uma visão global, Lisboa mostra-se um organismo consolidado, heterogéneo, ligado nas suas partes e promotor de uma rede de funções capaz de sustentar a vida dos seus habitantes. Contudo esta aparente uniformidade é substituída por fragmentação e desintegração quando aproximado o foco da análise, onde as peças que deviam formar um todo se encontram desagregadas e desconectadas entre si. Passamos então a conhecer zonas com identidades muito próprias, por vezes isoladas e frágeis na qualidade das actividades humanas que possibilitam.

Posto isto, o presente trabalho surge com o propósito de coser uma destas partes fragilizadas de Lisboa, o vale do Rio Seco, procurando um modelo de continuidade e concentração, densidade e proximidade, necessária para um crescimento central e sustentável da nossa cidade, e dá seguimento a um projecto mais alargado que se tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos 3 anos no contexto da unidade curricular de Laboratório de Projecto VI e Projecto Final de Mestrado sob orientação do Professor Nuno Mateus.

Em concreto este trabalho insere-se no exercício "Cidade e suporte natural – o fecho do Anel Verde, definição do Parque Natural do Rio Seco", tendo como ponto de partida o alargado plano urbano realizado pelos alunos no ano anterior. Como suporte relevante, além de todos os estudos e análises já feitos, foi fundamental o documento IX-Europa 2020 (CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, 2012) assim como, ao nível da metodologia utilizada, uma observação *in loco* no terreno.



"O novo conceito de espaço verde, para além de continuar a apoiar-se numa concepção estética que exalta o "génio do lugar" deverá ser polivalente quanto à protecção, recreio e produção. trata-se da continuação da ideia de *continuum naturale* e sua interpenetração com o contínuo edificado numa concepção global de paisagem. O novo espaço verde, que não será urbano nem rural, mas sim um espaço natural, onde prevalecem os materiais vivos, necessário ao diálogo com a cidade edificada onde prevalecem os materiais inertes."

Gonçalo Ribeiro Telles
TELLES, Gonçalo Ribeiro, *A Utopia e os pés na terra*, 2003

Imagem 28: Composição do Anel Verde e explicação da ideia de *Continuum Naturale*

O plano urbano do Parque Natural do Rio Seco abrange a terminação do Parque Florestal de Monsanto e estende-se até à Frente Ribeirinha, que apesar da sua proximidade não oferecem até à data qualquer relação física, tão pouco poética ou emocional, constituindo apenas um eixo descaracterizado e sem significado entre ambos. O parque do Rio Seco surge assim por forma a fechar a continuidade verde que liga estes dois elementos, um sistema natural que garante a biodiversidade e fluidez de elementos fundamentais como a água e o ar, em equilíbrio face aos materiais inertes que compõem a cidade.

Agora focado no coração deste plano de Parque Urbano - a envolvente próxima da bacia do Geomonumento do Rio Seco - a área está circunscrita a Norte pela Calçada Mirante, a Sul pela Rua da Aliança Operária, a Nascente pela Rua do Cruzeiro e a Poente pela Rua Guardafóias.

Imagem 29: Vista aérea da zona de intervenção
Imagem 30: Fotografia local



Imagem 31: Geomonumento do Rio Seco e os Fornos del Rei

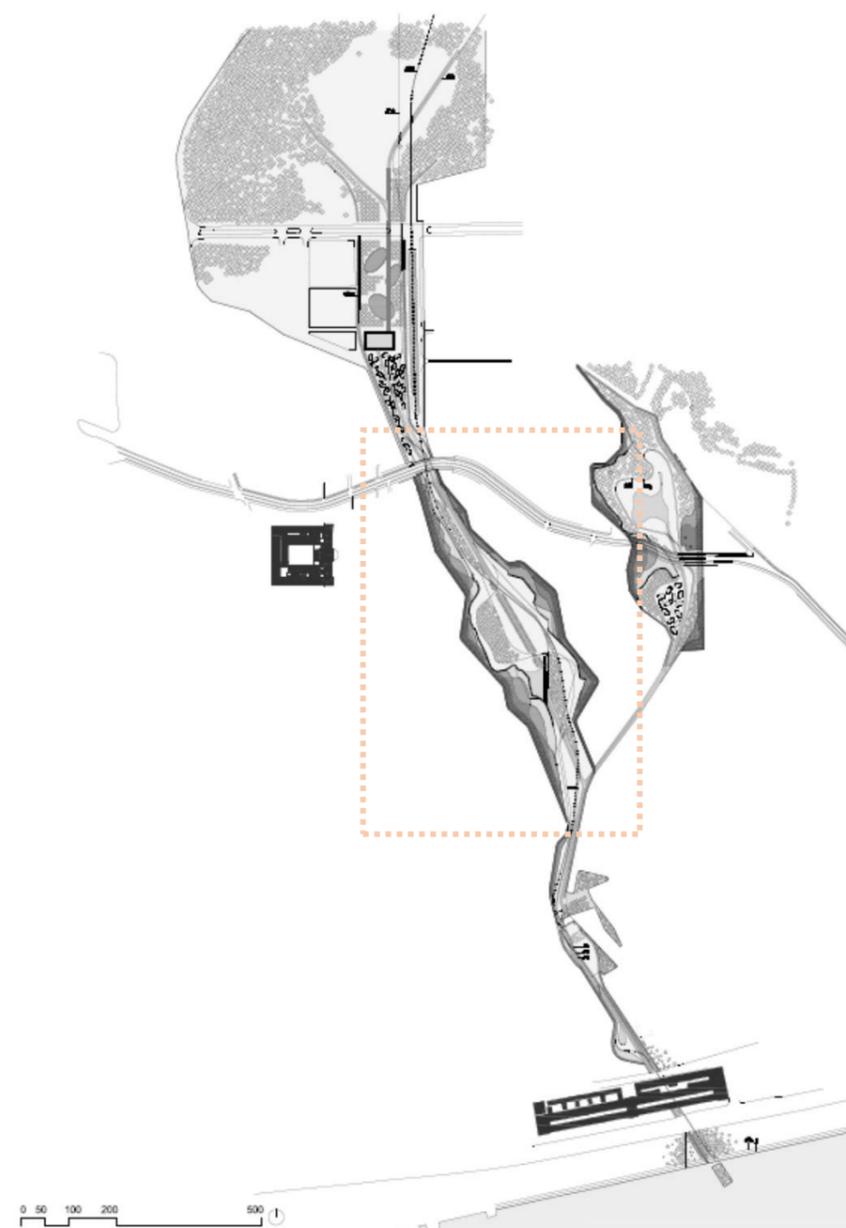
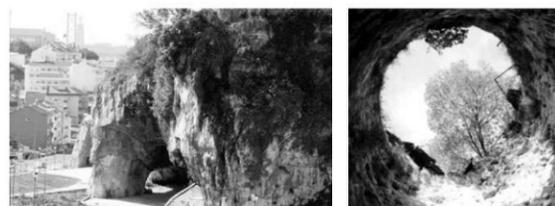


Imagem 32:
Delimitação da zona
de intervenção no
desenho de conjunto
do Parque do Rio Seco,
elaborado pela turma
anterior

A proposta especificava então a necessidade de uma estratégia urbana que ligasse o parque à envolvente próxima e o situasse de novo na cidade como um ponto de interesse conferindo uma nova centralidade a esta “periferia-central” e ao mesmo tempo novas soluções habitacionais tendo em conta as diversas formas de vida e as transformações sociais. O enunciado sugeria que o programa de projecto fosse definido a partir do conjunto de intenções enquadrado no documento Lx-Europa 2020 e incidisse sobre a “casa como tema central e motor da cidade”, onde deveriam ser procuradas propostas, entre outras, para residências de estudantes e investigadores, alunos estrangeiros em programa Erasmus, casas de grande acessibilidade para idosos, casas *low-cost*, casas para pessoas isoladas ou famílias fragmentadas, casas de altos standards para investidores nacionais ou estrangeiros, casas correntes para classe média e famílias de média dimensão

Com base numa leitura inicial e estudo dos levantamentos anteriores, constatou-se que a Ajuda apresenta áreas de grande potencial, pois não só está relativamente próxima do centro, como também da natureza (o parque e o rio). Além disso, ainda é possível aí encontrar zonas de alojamento com baixo custo de arrendamento que a torna opção para muitos estudantes e famílias, havendo uma grande camada da população já envelhecida que aqui se enraizou e se mantém.

Em certas zonas desta freguesia, nas mais próximas a Alcântara e Belém, é possível sentir na rua um ambiente de “bairro” de usos quotidianos entre o pequeno comércio, mercados, tascas e cafés, movimento de transportes públicos, das escolas, igrejas, pequenos parques e jardins onde se joga às cartas, onde se passeia e onde correm os cães. Por outro lado, a zona norte mostra já algum isolamento ocupada por bairros sociais e outros de habitação, igualmente monofuncionais. É na transição destes dois contextos que o Parque do Rio Seco se insere revelando acima de tudo uma enorme necessidade de requalificação urbana e de realojamento, perante as condições de habitação autoconstruída - precárias e insalubres, a ausência de outros usos além do residencial, e inexistência de espaços públicos qualificados. O actual parque, o jardim do monumento geológico, é em si uma área vasta que de momento se divide por uma larga estrada onde poucas pessoas se vêm passar, delimitado por uma construção ora de bairros de lata ora de grandes blocos de habitação. Trata-se em concreto de um fragmento desconectado da cidade, à qual parece nem pertencer.

O trabalho aqui presente pretende despertar para uma nova forma de solucionar o problema do habitat/habitar, repondo nesta área da cidade a vida urbana omissa e uma maior diversidade e número de alojamento. Assim propomos uma frente de parque aparentemente homogénea formada por um conjunto de edifícios de usos mistos, que poderão oferecer tipologias muito variadas assim como a grande diversidade programática de preenchimento de cada um destes edifícios.

A combinação modular e a própria estrutura independente (semelhante à ideia do projecto “Dom-ino” de Corbusier), à base de elementos standardizados nos quais a proposta assenta, permitem uma infinidade de combinações (programáticas e tipológicas) e, até, que se torne numa solução para diferentes locais na cidade, sugerindo uma “estratégia protótipo”. No entanto, não se propõe a massificação e generalização através deste sistema. Propõe-se em vez, que cada solução arquitectónica parta das especificidades dos espaços e habitantes locais, e que permita uma apropriação do espaço futuro pelos seus ocupantes. Assim, cada solução arquitectónica é uma resposta única e exclusiva não só às características desse lugar, como também às carências da população que o vai ocupar, decidindo e tornando-se ao mesmo tempo responsável pelo projecto à semelhança das iniciativas We Traders e do desenvolvimento do Test site de Roterdão. Tirar partido e responder adequadamente a questões como a topografia, malha urbana, acessibilidade e potencialidades específicas, mantêm-se como preocupações igualmente centrais, podendo ainda assim tratar-se de uma proposta aparentemente genérica, mas especialmente singular em cada solução.

Posto isto, seguir-se-á a demonstração prática da sua aplicação ao local apresentado, o parque do Rio Seco.

Imagem 33: Planta da zona de intervenção com edificado a demolir dentro dos limites do parque



Imagem 34: Diagrama das ideias limite – membrana, estudo da banda do conjunto de construções

Desenhos de:
Marta Pargana Pires, 2016

IV.1

UMA FRENTE DE PARQUE

IV. PROPOSTA PARA O RIO SECO

A proposta resume-se portanto a uma continuidade definidora do parque do Rio Seco, sem que no entanto constitua um limite ou barreira de qualquer género. Dadas as características da envolvente próxima construída e da topografia, cada um dos edifícios desta continuidade de construções – banda - é apenas definida na sua implantação, número de pisos e extensão, sendo o seu interior inicialmente vazio até ao momento da necessária ocupação. A banda, interrompida em diversos volumes ao longo de ambos os contornos Este e Oeste do parque, possibilita o respectivo atravessamento sem que cada edifício represente um obstáculo maior entre a ligação parque e bairro circundante.

No início do parque, a Norte, as construções surgem como moradias mimetizando a escala das construções mais próximas, crescendo não só em altura como em extensão à medida que se avança para sul. Assim, ao tornarem-se edifícios de 2, 3 e 4 pisos, os mesmos passam a oferecer maior variedade de tipologias domésticas e de outros usos, pontos de encontro e espaços de convívio, pequenos comércios, serviços e cafés.

Esta banda de transição entre o parque e o bairro, constitui uma zona de atravessamento onde várias pessoas se cruzam e encontram diariamente, para estar, passear, brincar ou tratar de pequenas tarefas rotineiras; e onde outros poderão encontrar um espaço de *co-working*, de actividades curriculares ou extra-laborais e até ocasiões para cultura e entretenimento.

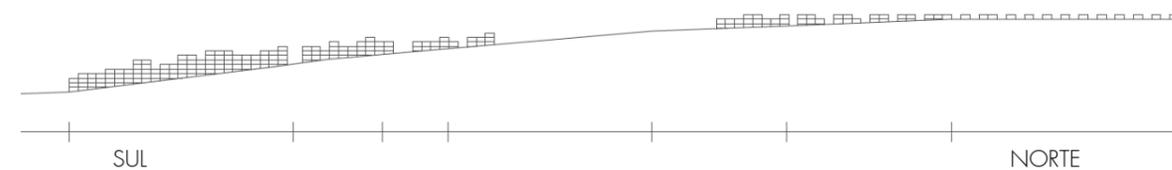


Imagem 35: Vista Oeste de todo o seguimento do parque, de Norte a Sul. Variação da escala de construção

IV.2

SISTEMA ARQUITECTÓNICO

IV. PROPOSTA PARA O RIO SECO

Segundo estes princípios de temporalidade e co-produção da cidade (casos de estudo 1.), aliados à flexibilidade, variedade e oportunidade da habitação (casos de estudo 2.), juntamente com a ambiguidade, polivalência e indefinição espacial que as heterotopias comportam (casos de estudo 3.) o sistema arquitectónico nada se assemelha às construções solidas e pesadas mais correntes, mas sim a um conjunto “despido” onde a estrutura e o preenchimento constituem elementos visivelmente separados, e mesmo onde este preenchimento varia na sua ocupação, programa e usos. Imagine-se a estrutura fixa, de uma estante ou armário, dividido em x unidades, cada uma com a hipótese de ser preenchida com uma gaveta amovível ou até, e simplesmente, deixada vazia.

Esta disposição permite uma ocupação modular, simples e unitária, ou combinada: agregadas lado a lado ou em altura.

Enquanto edifício e parte da cidade há apenas dois critérios de organização vertical: (1) aproximar os usos quotidianos o máximo possível da rua, onde os módulos, em vez de habitação, se destinam a pequenos negócios, serviços, zonas de lazer ou espaços de apoio; não esquecendo nunca o potencial destes espaços quando desocupados, transformando-se em pátios ou grandes halls para encontros rotineiros de modo a conduzir a vida de rua às passagens e atravessamentos no interior do edifício, e ainda (2) o rácio entre vazados, habitação e outros usos que poderá ser estabelecido segundo um padrão percentual onde se garanta um equilíbrio entre estas partes, sendo apenas os pontos de acesso entre pisos o elemento fixo.

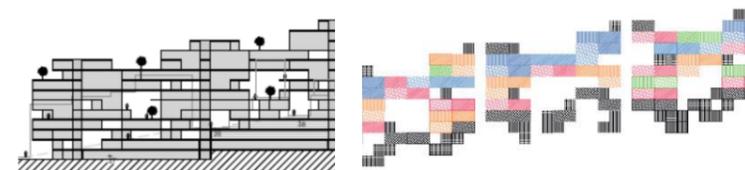


Imagem 36: Diagramas dos usos e distribuição vertical numa fase inicial do projecto

Desenhos de: Marta Pargana Pires, 2016

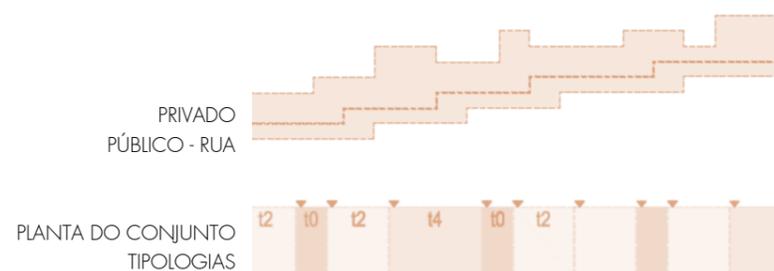


Imagem 37: Diagramas da combinação horizontal e vertical das tipologias e relação Privado-Público. Estudos do projecto em fase inicial

Quanto ao desenho e intenções imaginadas para os módulos que preenchem a estrutura segue-se uma filosofia minimal que confira apenas o conforto e espaço suficiente para as funções elementares (como no caso Japonês de habitação em Kitagata), sendo que a intenção é o acesso à casa como uma necessidade e não como um luxo, e deverá ainda contemplar neutralidade de forma a evitar gostos ou “estilos” e poder ao mesmo tempo servir outros usos além da habitação.

A organização espacial divide o módulo em 3 partes: circulação – motor – e espaço aberto que permite a adaptação para outras funções como espaço de trabalho, atelier, pequena loja, sala de estudo, lavanderia, entre outros, tal como a agregação de várias unidades modulares (na hipótese de uma residência por exemplo). O acesso por sua vez é feito nas “traseiras” através de uma galeria que comunica com um “espaço-entre”- uma zona transitória entre o público e o privado, reservando a frente de parque para uma pequena varanda. A varanda, tal como o pequeno espaço de transição entre a galeria e o interior devem estabelecer comunicação lateral, podendo até constituir uma zona partilhada (mesmo que apenas visual) entre vizinhos.

Estes espaços quando desocupados, ou por preencher, poderão retomar o seu carácter heterotópico (à imagem da sala colectiva do SESC Pompeia) espaços amplos pontuados pelo ritmo da estrutura, que poderão tornar-se extensões de uma área de trabalho, oficinas ao “ar livre”, uma zona de jogos ao lado da sala de estudos, ou

no caso do nível térreo, uma esplanada de um pequeno café, galeria de arte aberta, entre muitas outras, ou simplesmente uns bancos onde se vêem pessoas atravessar para o parque.

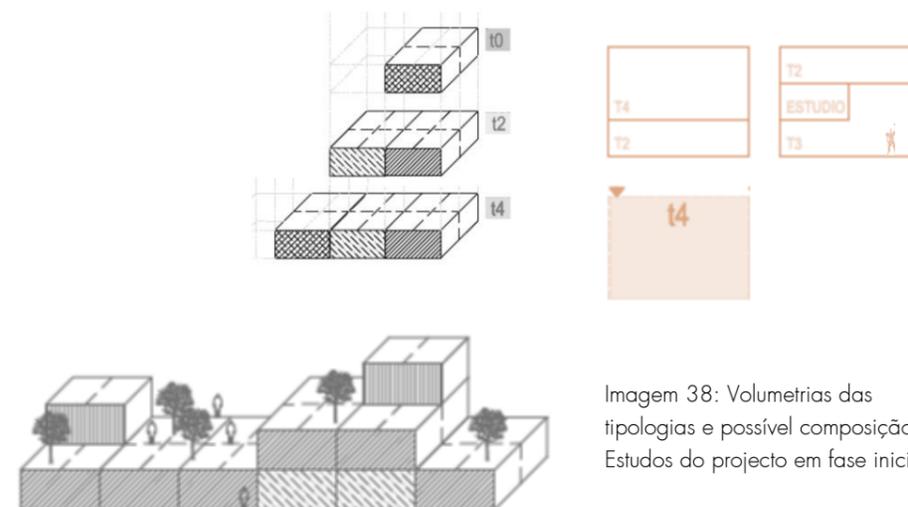


Imagem 38: Volumetrias das tipologias e possível composição. Estudos do projecto em fase inicial

Desenhos de:
Marta Pargana Pires, 2016

IV.3

FASEAMENTO DA CONSTRUÇÃO

IV. PROPOSTA PARA O RIO SECO

“Não um *master-plan* mas um guião.”

Dando seguimento aos princípios de efemeridade, adaptabilidade e ocasião, defende-se não a realização de um plano definido no início mas sim um plano progressivo e mesmo experimental ou seja, tal como a abordagem da equipa holandesa ZUS para uma “cidade temporária”, também esta operação deverá evoluir gradualmente em vez de definir um plano urbano com início e um fim rigoroso estipulado. Assim como o grupo ZUS sugere, em vez de um *master-plan*, pensemos num guião, um conjunto de directrizes segundo as quais a zona de intervenção poderá evoluir deixando sempre expectante e em aberto o resultado e ritmo desta evolução.

Além disso, e agora seguindo a filosofia do We Traders, e de forma a evitar uma construção desmedida cada edifício dependerá de dois requisitos para o seu seguimento: (1.) Deve nascer de uma necessidade e esta deverá obedecer a um número inicial de ocupantes interessados – chamemos-lhes “ocupantes fundadores”, seja para residir, local de trabalho, ou investir como fonte de rendimento. (2.) O financiamento de partida por sua vez, outro critério do qual a edificação depende, poderá ser fruto das respectivas ocupações para exploração, apoios do Estado e ainda angariações como os *fundraisings*. Estes primeiros ocupantes terão capacidade inicial de contribuir para o arranque e decisão prévia do projecto, não só em termos financeiros mas também como atractores promovendo o uso e restante ocupação, pois, enquanto edifício de usos mistos, há uma dependência nestas tipologias além da habitação para que os vazados, em vez de esquecidos, se tornem pontos valiosos do conjunto, promovendo a atmosfera desejada e o contacto.

A estrutura:

Verificado o real interesse na construção, tanto pelo interesse dos ocupantes fundadores como na recolha de meios financeiros, poderá ser erguida a estrutura do edifício:

Ao longo de toda a frente de parque será “plantada” uma faixa continua com as fundações previamente preparadas para receber o edifício (já estudado segundo critérios de segurança, acessibilidade, dimensão e de projecto). No caso de mais tarde se justificar a desocupação e remoção do respectivo edifício, o mesmo é desmontado e o local de implantação retoma o seu carácter original de recreio, passeio e descanso, na continuação da temática do parque.

Por se tratar de uma estrutura leve e desmontável em madeira (CLT – Cross-Laminated Timber), elementos metálicos e lajes prefabricadas (sistema misto de betão perfurado e vigotas de madeira), idealiza-se que este processo seja relativamente rápido e menos dispendioso que as habituais construções na cidade, permitindo maior capacidade de adaptação.

Os módulos:

Para tornar a habitação acessível pensou-se que poderia haver um sistema de aluguer das peças que compõem cada módulo ou de compra em casos de maior capacidade financeira e estabilidade desejada. Este sistema poderia estar associado a empresas de fabricação e agentes responsáveis pelo aluguer das mesmas e gestão do *stock*. Esta empresa, ou agentes, poderiam facultar um serviço de entrega e montagem ou deixar a tarefa nas mãos do cliente. Quanto mais usadas as peças mais barato se tornaria o seu aluguer desde que assegurada a viabilidade e segurança da construção. Aqui não se defende a oferta da habitação mas sim que haja um esforço e uma tomada de decisão adjacente, para que sentimentos de respeito, valorização e pertença prevaleçam, tal como se conseguiu com o Test Site de Roterdão ao gravar nomes nas tábuas vendidas. Pretende-se com a redução de custos, reunir condições para que o acesso a uma casa, até mesmo a um estúdio ou espaço para um pequeno negócio não seja uma dificuldade mas sim uma oportunidade e uma escolha.

A opção de aluguer permite redução de custos aumentando o ganho de cada peça durante o seu ciclo de vida dada a reutilização sem que cada família ou individuo tenha grandes despesas.

IV.4

CONSTRUTIVIDADE E MATERIALIDADE

IV. PROPOSTA PARA O RIO SECO

Posto isto, cada módulo, o recheio que virá a preencher os vazados da estrutura, é composto por painéis regulares e prefabricados de 1m de largura que podem ser montados lado a lado, formando paredes, coberturas e pavimentos. Para unir estes painéis são então indispensáveis barras horizontais que permitem a ligação chão-parede e parede-cobertura. Se cada módulo preenche o vazio, entre eles fica a estrutura vertical do edifício (pilares de 0,3m em CLT madeira) distância que dá também lugar para as infra-estruturas entre os dois pilares do *core* do edifício. No caso de módulos combinados lado a lado, será ainda necessário uma peça que preencha o vazio que sobra no alinhamento dos pilares que dará a continuidade à área interior. A aparência final assemelha-se a uma caixa de madeira com os topos totalmente abertos para a entrada de luz.

A malha da estrutura fixa por sua vez, de vigas e pilares em CLT (Cross-laminated Timber) com vãos de 6.15m entre o eixo de cada pilar de 30 cm, sendo que a largura se mantém com um total de 12,9m incluindo 3 eixos de pilares. Assim sendo, cada módulo oferece uma área de 6m livres por 12,3m num total de 73.8m². com 2,7m de pé direito livre. Como pavimento entre a estrutura de CLT optou-se por lajes prefabricadas de um sistema híbrido de betão perfurado e vigotas de madeira, tornando a construção mais leve, segura e fácil de aplicar. Por fim, os acessos são montados numa leve estrutura metálica que serpenteia os vazados duplos do interior do edifício, tal como toda a pele que o reveste - uma transparente malha metálica que expõe os ritmos das ocupações humanas.

A escolha destes métodos construtivos e materialidade prende-se com a questão anterior do acesso à habitação, adaptabilidade e eficiência da construção, assim como defende uma estética que transpareça isso mesmo e ainda aluda a uma existência incerta, efemeridade e mistério, uma dúvida perante o futuro. Uma arquitectura de camadas evidentes que, em vez de se impor ou tentar deixar uma marca, se volatiliza no seu contexto e envolvente.

Construção etérea aditiva que não apaga memória mas aos poucos permite a sua construção.

Imagem 39: Combinação gráfica que procura ilustrar o ambiente e algumas intenções da proposta



CONCLUSÃO

“A cidade ideal comportaria a obsolescência do espaço: (...) Seria a cidade efémera, obra perpétua dos seus habitantes, também eles móveis e mobilizados por e para esta obra. O tempo reassume aqui o seu lugar primordial. É indubitável que a técnica possibilita a cidade efémera, apogeu do lúdico, obra e luxo supremos.”

(LEFEBVRE, 2012, p.134)

O projecto final de mestrado intitulado “Para um novo habitar: Uma proposta no Parque do Rio Seco - Ajuda” procurou responder ao desafio da qualidade urbana nesta zona da cidade.

Com este exercício surgiu então a possibilidade de experimentar a diversidade numa área central de Lisboa, dada a sua proximidade a diferentes realidades socio-culturais e económicas, cruzando talvez diferentes “horizontes” e formas de vida, cada vez mais variados nesta realidade global.

Assim, dando seguimento ao enunciado de Laboratório de Projecto VI: *Cidade e suporte natural – o fecho do Anel Verde, definição do Parque Natural do Rio Seco*, a habitação terá sido o objecto do programa inicial do projecto desenvolvido em contexto de aulas. No entanto, na sequência do trabalho teórico desenvolvido e do surgimento de novas questões, todo o quadro de circunstâncias pareceu oferecer grandes motivos para trabalhar esta área a partir de três níveis: a cidade, a casa e o quotidiano, no sentido da integração e da coesão social, requalificando ao mesmo tempo uma zona deixada ao abandono, no entanto muito especial e promissora.

Enquanto isso, já questões relacionadas com a construção de cidade ganhavam corpo. Questionava-se se estaríamos a entender a rápida transformação destes tempos, e se faria ou não sentido continuar a responder da mesma forma, com projectos monofuncionais e segregadores: construindo na periferia

para “resolver” o problema da habitação a baixo custo guetos isolados, mais centros comerciais e mais museus caprichosos...Quais as prioridades de uma sociedade que se pretende mais justa? Que cidade deve o arquitecto de hoje ajudar a construir?

Considerou-se por isso importante reflectir de que forma poderia a presente abordagem diferenciar-se dos métodos comuns de “fazer cidade”, do planeamento e urbanismo tradicionais, permitindo a flexibilidade e a eficaz e constante adaptação às reais e diversas necessidades da sociedade, colocando sempre a questão de saber que sociedade queremos construir. Reflectia-se ainda, qual a durabilidade dos objectos construídos, permanente e definitiva, ou possivelmente temporária? Quem sabe um pouco de ambas. Como decidir programa, usos e ocupação? Talvez possa ser uma obra sem cliente que se constrói diariamente por quem a ocupa ou por ela passa, inculcando essa mesma capacidade de decisão e participação como forma de co-projectar. E mais, com igual capacidade para os usos determinarem tal durabilidade, efémera ou permanente. Como se de um urbanismo ou arquitectura elástica se tratasse. Podem encontrar-se alguns exemplos desta temporalidade, flexibilidade e transformação da arquitectura em obras de Peter Zumthor, o Swiss Sound Box para o pavilhão Suíço temporário de Hanôver, Alemanha (2000), ou o bairro de habitações expansíveis da Quinta Monroy do grupo Elemental em Iquique no Chile (2003), ou outros de participação colectiva na produção e construção do espaço público como alguns exemplos do programa We Traders em Madrid como o *Campo de Cebada*, ou *Todo por la Praxis* e ainda *Elii/Gcfp*.

Assim sendo, comprovou-se que uma nova estratégia de actuação na cidade era necessária e possível. E isso levou consequentemente às escolhas do desenho da habitação, sistema e reprodução modular. No entanto, apesar de fazer sentido toda a reformulação da casa e do edifício, igualmente assentes nas ideias anteriores de efemeridade, flexibilidade, adaptabilidade, escolha e construção espacial, algo estava ainda em falta. A solução não contemplava ainda o verdadeiro palco para a dita coesão e integração serem postas à prova: os espaços do quotidiano e da cidadania. Só assim, através da combinação destas três dimensões: intervir na cidade, a casa e o quotidiano este projecto poderia fazer sentido. Para este ultimo ponto dar significado a todo o conjunto seria então necessário procurar um meio para o piso térreo de cada edifício se transformar ao mesmo tempo num local de permanência e de passagem para diferentes pessoas e diferentes ritmos. Espaços amplos e acolhedores, para a

reunião pública ou simplesmente para passar o tempo, juntamente com um pequeno café, mercearia, uma zona de oficinas, outra de jogos e muitos lugares para descansar. Algo semelhante a uma praça pública coberta ou a uma “sala de estar” da cidade.

Enquanto solução arquitectónica pensa-se que este projecto seja capaz de grande diversidade na oferta de combinações, sendo esta possivelmente uma das suas maiores qualidades. A materialidade e sistema por sua vez despertam sentimentos mistos por se tratar de uma edificação diferente da que estamos habituados em Portugal, leve e desmontável, pré-fabricada e de “faça você mesmo” que, se por um lado aproxima o individuo da sua construção e do edifício, levanta por outro a duvida se haverá ou não receptividade neste sistema para quem o irá “montar” e nele habitar. Pensa-se que, de um modo geral o acesso à cidade, ao abrigo e ao contacto com os outros, aparenta ter sido um objectivo alcançado neste projecto sem excluir grupos etários, culturais, sociais e económicos, ou comprometer a qualidade dos espaços. Espera-se por fim que, apesar dos esforços para quebrar barreiras e preconceitos, toda a promoção dos espaços das trocas e de convívio não sejam em vão tornando o edifício num conjunto de lugares obsoletos e abandonados, de medo e insegurança, condenando o sistema a uma estrutura “fantasma” de ninguém ocupa.

Como será o espaço que projectamos?

«Imagina-se então a chegada a um volume transparente, onde se vê o que lá dentro acontece. Do parque passa-se para o “interior” que dá ideia de ainda se estar na rua pela brisa do ar que corre leve e pelos barulhos da vegetação, das pessoas que passam e das que ao fundo conversam. Repara-se na estrutura de madeira, marcante e discreta ao mesmo tempo, e umas escadas. Até chegar a elas, o piso não é ainda de pavimento rijo. Subindo alguns degraus, chega-se ao piso que comunica com a rua das traseiras. Neste piso há um café, com mesas e cadeiras, crianças que brincam e velhotes sentados num discutido jogo de cartas. Ao longe ouve-se o que parece ser uma oficina onde na frente, jovens trabalham as suas peças. Subindo ao piso de cima já o cenário muda, não há uma percepção tão abrangente do espaço, interceptado por volumes de madeira. Talvez sejam casas, ou estúdios por serem tão pequenos alguns. Conforme se avança ao percorrer a galeria que avista em baixo a rua das traseiras, sente-se já uma atmosfera familiar e sossegada, onde uma grande família asiática ocupa o

espaço antes da entrada da sua casa, e logo à frente um jovem nórdico parece sair para estender o seu fato de surf. Antes de chegar às novas escadas, um espaço vazio com apenas uns vasos de plantas e um banco onde duas senhoras de meia-idade conversam enquanto dobram roupa. Olhando para cima, através do duplo vão onde ficam outras escadas vê-se novamente movimento. Parecem estar a montar qualquer coisa, o que se confirma imediatamente quando, chegando a esse piso, se percebe que irá “nascer” mais uma casa. Continuando a subida, avistam-se noutros pisos famílias, estudantes e cães, e por fim chega-se à cobertura. Em volta, uma pequena horta e dois jovens que tratam dela, adolescentes apanham sol e o mais curioso, homens que falam uma outra língua parecem ensinar críquete a outros interessados. Aqui, respira-se o ar puro, e vê-se o rio Tejo com todo o seu brilho.»

Em suma, pensa-se que a proposta levanta uma hipótese pertinente nas condições actuais e eminentes das nossas cidades. É uma proposta que comporta ambiguidade, indefinição programática e espacial, que para muitos poderá constituir um trabalho “deficiente” da parte do arquitecto. Contudo, defende-se aqui que deverá ser justamente esse o *shift* na forma como encaramos a prática da arquitectura, pois mais importante que uma resposta é talvez a abertura para o surgir de novas questões, sendo estas dúvidas e sonhos que levam ao avanço, e não as certezas.

“Puisque je doute, je pense; puisque je pense, j'existe.”

(DESCARTES, 1977)

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt
Confiança e medo na Cidade
Lisboa: Relógio d'Água, 2006

BORJA, Jordi y Muxi, Zaida
El Espacio Público, Ciudad y Ciudadania
Barcelona: Electa, 2000

CARVALHO, Ricardo
A Cidade Social- Impasse, Desenvolvimento. Fragmento
Lisboa: Tinta-da-China, 2016

COSTES, Laurance
Henri Lefebvre Le Droit à la ville
Paris: Ellipses, 2009

COWAN, Robert
The Dictionary of Urbanism
Wiltshire: streetwise press, 2005

DESCARTES, René
Discurso do Método
Mira-Sintra: Publicações Europa América, 1977 (1637)

ELDEN, Stuart
Understanding Henri Lefebvre – Theory and the Possible
Londres: Continuum, 2004

FARIAS, Hugo
Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, adaptabilidade, ambiguidade funcional e desierarquização do espaço doméstico
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014
Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design

HERTZBERGER, Herman
Space and the Architect, Lessons in Architecture 2
Roterdão: O10 Publishers, 2010

LEFEBVRE, Henri
Direito à cidade
Lisboa: Letra Livre, 2012 [1968]

MONTEYS, Xavier e outros eds - Habitar - grupo de investigación
Rehabitar en nueve episodios
Barcelona: Lampreave, 2012

PEREIRA, Maria João de Almeida
A Flexibilidade na Habitação: Realidade ou Utopia? A propósito do Parque Urbano do Rio Seco
Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2015
Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

PEREIRA, Sandra Marques
Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa
Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012

PROENÇA, Maria Cristina de Oliveira
A Cidade e o Habitar no Pensamento de Henri Lefebvre
Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011
Dissertação de Mestrado em Filosofia, na área de Filosofia Contemporânea

SÁ, Teresa
Henri Lefebvre and Urbanism Criticism
Florença: Universidade de Florença, 2016
Comunicação apresentada na International Conference *Cross-Disciplinary Perspectives on Urban Space*

SENNETT, Richard
The Conscience of the Eye: the Design and Social Life of Cities
Nova Iorque: Norton & Company, 1992

STRAUVEN, Francis
Aldo van Eyck: the shape of relativity
Amesterdão: Architectura & Natura, 1998

VEIKOS, Catherine
Lina Bo Bardi, The theory of Architectural Practice
Nova Iorque: Routledge, 2014

REVISTAS

NUNES, João Pedro, GRAÇA, Miguel Silva e DIAS, Manuel Graça
Cidades, centros culturais e praças públicas
IMPRÓPRIA. Política e Pensamento Crítico ISSN. Nº 1, 1º semestre, 2012 p. 21-38

GEUNA, José Maria Silvestro
La Ciudad como Lugar
ACE Arquitectura, Ciudad y Entorno Vol. 1, Nº 3, 2007 p. 400-411

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

SENNETT, Richard
New Capitalism, New Isolation, A flexible City of Strangers
Le Monde Diplomatique, Fev. 2001

Disponível em:
<http://mondediplo.com/2001/02/16cities>

SENNETT, Richard
The Civitas of Seeing
Places, volume 5, n° 4, 1989

Disponível em:
<https://placesjournal.org/assets/legacy/pdfs/the-civitas-of-seeing.pdf>

SENNETT, Richard
The Open City
LSE Cities an International Centre Supported by Deutsche Bank, Nov. 2006

Disponível em:
<https://lsecities.net/media/objects/articles/the-open-city/en-gb/>

SENNETT, Richard
The Public Realm,
Quant essay, s.d.
Disponível em:
<http://www.richardsennett.com/site/senn/templates/general2.aspx?pageid=16&cc=gb>

SENNETT, Richard
Why complexity improves the quality of city life
LSE Cities an International Centre Supported by Deutsche Bank, Nov. 2011
Disponível em:
<https://lsecities.net/media/objects/articles/why-complexity-improves-the-quality-of-city-life/en-gb/>

CML (Câmara Municipal de Lisboa)
Lx-Europa 2020
Disponível em:
<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/transparencia/lisboa-2020>

Site Jan Gehl:
<http://gehlarchitects.com/story/>

Site ZUS:
<http://www.zus.cc/work/urban-politics/162-Schielblock.php>

Site DRIE:
<http://2015.sfudutchdesign.ca/index.html>

Site MVRDV:
<https://www.mvrdv.nl/projects/silodam>

Site WE Traders:
<http://www.goethe.de/ins/be/prj/wet/enindex.htm>

VIDEOS

Alejandro Aravena: My architectural philosophy bring the community into the process
Disponível em:

https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process?language=pt

Arquiteturas: Sesc Pompeia

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qhBZXClE8Z8>

Iwan Baan: Ingenious homes in unexpected places

Disponível em:

http://www.ted.com/talks/iwan_baan_ingenious_homes_in_unexpected_places

MVRDV brought different house types together with Silodam block says Nathalie de Vries

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FmEufmB8B6E>

Permanent Temporality - Jouke Sieswerda, ZUS (Zones Urbaines Sensibles)

Disponível em:

<https://vimeo.com/133778800>

Richard Sennett The Open City

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=eEx1apBAS9A>

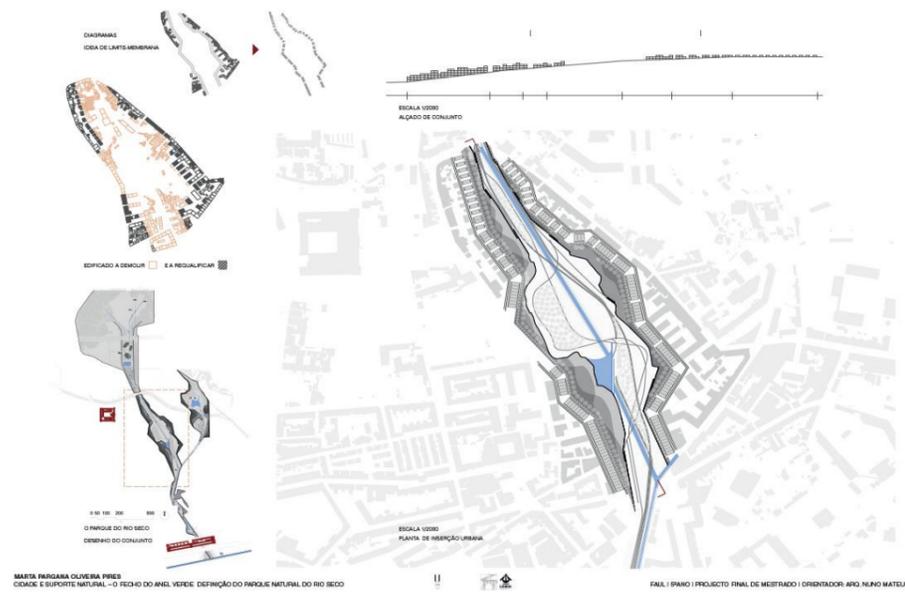
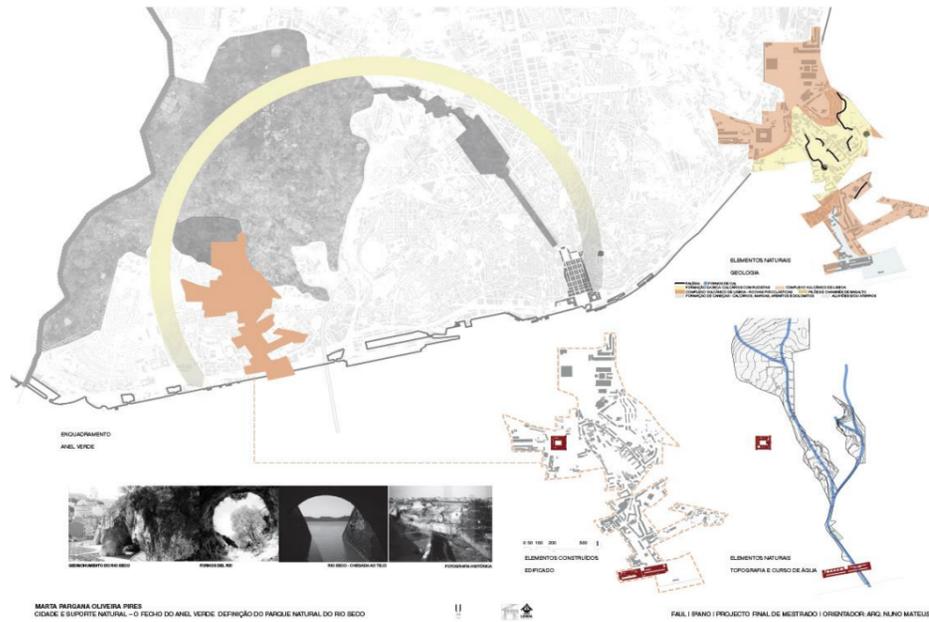
ANEXOS



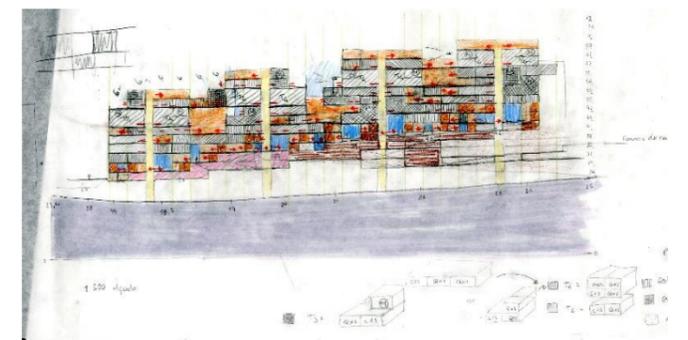
Desenhos de Processo

Estudos do conjunto do parque e contagem de edificado a demolir

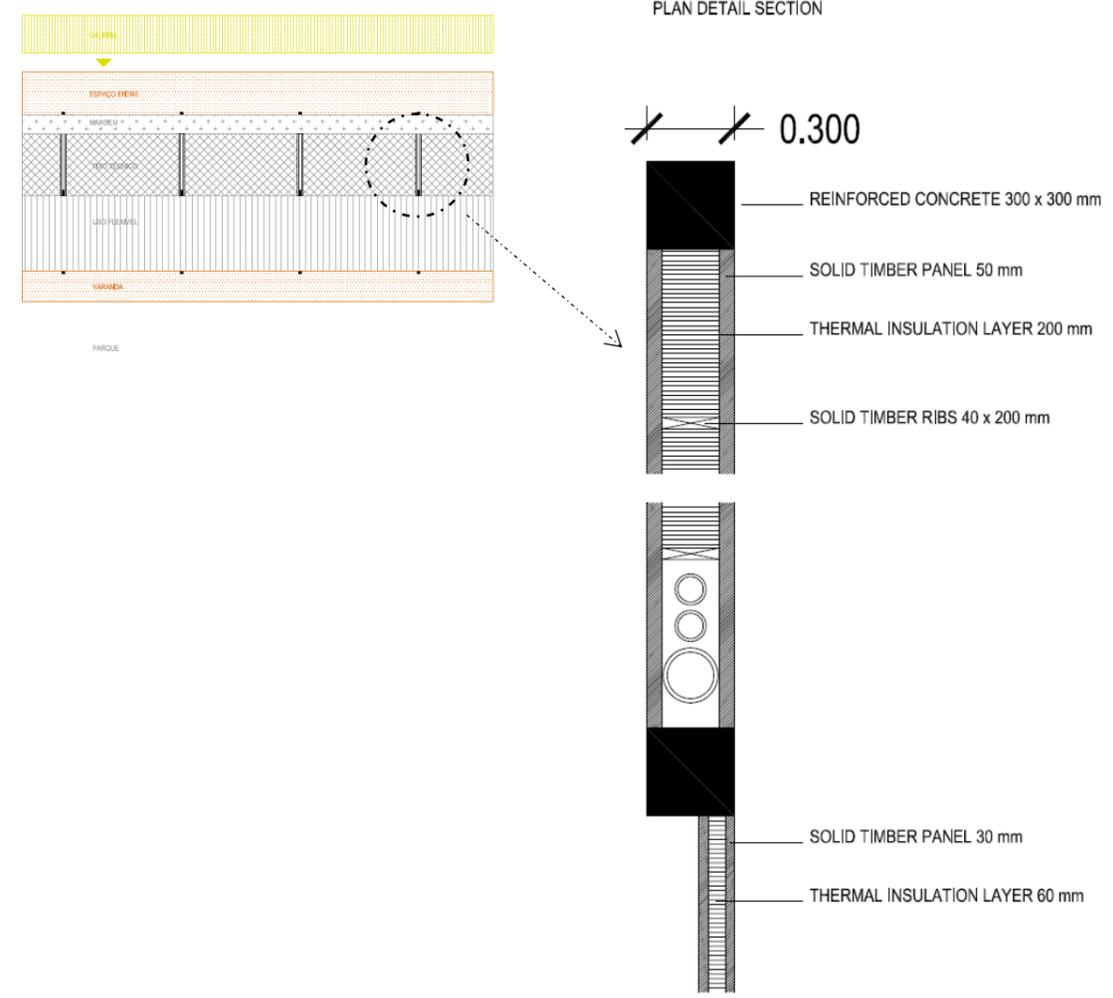
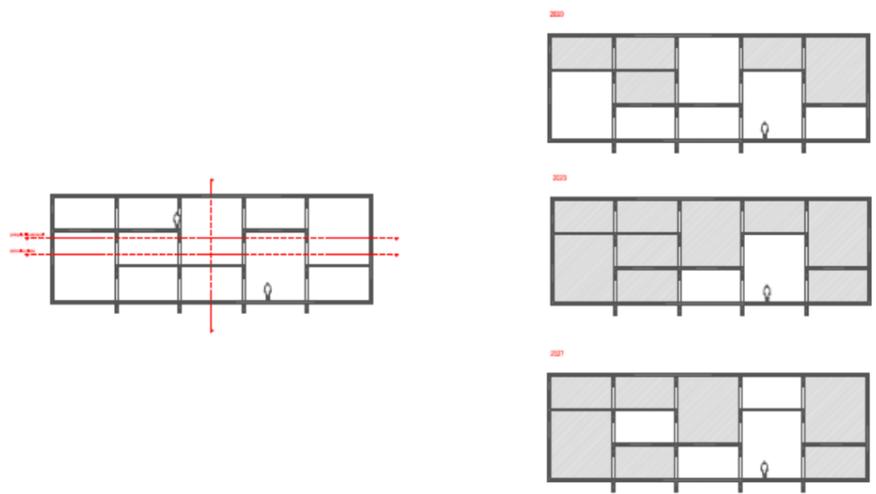
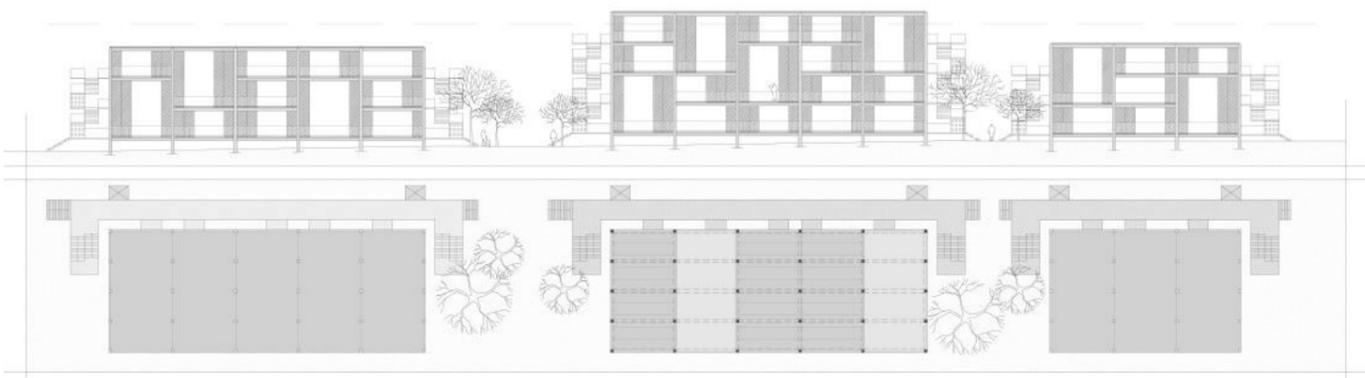




Painéis do trabalho desenvolvido em contexto de aulas, continuado a desenvolver posteriormente



Desenhos de estudo: plantas e alçados numa fase intermédia do processo. Secções demonstrativas das possibilidades de ocupação: totalmente desocupado e ao longo do tempo



Esquços que sugerem o ambiente dos espaços

